

6

Referências

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico**: classe, códigos e controle. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

BOING, L.A. **Os sentidos do trabalho de professores itinerantes** / Luiz Alberto Boing; orientadora: Menga Lüdke. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2008. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação.

BOLÍVAR, A (dir.). **Profissão professor**: o itinerário profissional e a construção da escola. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 71-79.

BRANDÃO, Z. **Pesquisa em Educação**: conversas com pós-graduandos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

CANÁRIO, R. **O que é a escola?** Um “olhar” sociológico. Porto: Porto Editora, 2005.

_____. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARVALHO, F. A. **O Mal-Estar Docente**: das chamas devastadoras (*Burnout*) às Flamas da Esperança-Ação (resiliência). São Paulo, 2003, 284 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CHARLOT, B. (2000) **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre, Artmed, 2005.

COMELLES, T.H. O assessoramento psicopedagógico e a colaboração entre a família e a escola. In: MONEREO, C; SOLÉ, I. **O Assessoramento Psicopedagógico**: uma perspectiva profissional e construtivista. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 95-110.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO (CNTE), Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). Retratos da Escola 3: a realidade sem retoques da educação no Brasil. Relatório De Pesquisa Sobre A Situação Dos Trabalhadores

(As) Da Educação Básica. 2003. Disponível em: http://www.cnte.org.br/images/pdf/pesquisa_retrato_da_escola_3.pdf. Acesso em: 12 abr. 2008.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CORTESÃO, L. **Ser professor: um ofício em extinção?** 2. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2006.

CUNHA, M.I. **O bom professor e sua prática**. 5. ed. Campinas, SP : Papirus, 1995.

DA MATTA, R. Trabalho de campo. In: _____. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 143-173.

DAHLING, B. Enriching the Theoretical Horizons of Phenomenography, Variation Theory and Learning Studies. **Scandinavian Journal of Educational Research**, v. 51, n. 4, set. 2007. p. 327-346

DAY, C. Committed for life? Variations in teachers' work, lives and effectiveness. **Journal of Educational Change**, v. 9, n. 3, sep. 2008. p. 243-260. Disponível em <http://www.springerlink.com.w10057.dotlib.com.br/content/92966j241675k5x2/fulltext.pdf>. Acesso em 27 fev 2009.

DAY, C. **Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente**. Porto: Porto Editora, 2001.

DAY, C *et al.* **The life and work of teachers**, internacional perspectives in changing times. Londres and New York: Falmer Press, 2000.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUSSEL, I. Impactos de los cambios em el contexto social y organizacional del oficio docente. In: TENTI FANFANI, E (comp). **El oficio de docente: vocación, trabajo y profesión em el siglo XXI**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006. p.143-173

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

ESTEVE, J.M. Bem-estar e saúde docente. **Revista PRELAC**, n.1, p.117-133, jun., 2005

_____, **O mal-estar docente: a sala-de-aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999 (tradução realizada a partir da 3 ed, 1ª. reimpressão, 1997).

FERENHOF, I.A e FERENHOF, E.A Sobre a Síndrome de *Burnout* em Professores. **EccoS Revista Científica**, UNINOVE, São Paulo: n.1, v.4, p. 131-151, jun. 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FULLAN, M.; HARGREAVES, A. Escolas Totais. In _____ **A Escola como Organização Aprendente**: Buscando uma Educação de Qualidade. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GAUTHIER, C. e MELLOUKI, M. O Professor e Seu Mandato: Mediador, Herdeiro, Intérprete, Crítico. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, maio/ago 2004. p. 537-571.

GOODSON, I. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A (org.) **Vida de professores 4**. Coleção Ciências da Educação. 2.ed. Porto: Porto Editora, 2000.

HUBERMAN, M. Ciclo de Vida Profissional dos Professores. In NÓVOA, A.(org.) **Vidas de Professores**, 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse do Censo dos Profissionais do Magistério da Educação Básica : 2003, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília : O Instituto, 2006.

LANTHEAUME, F. “Mal-estar docente ou crise do ofício ? Quando o ‘belo trabalho’ desaparece e é preciso ‘trabalhar de corpo e alma’”. **Fórum Sociológico**, Lisboa, n. 15-16, pp. 141-156, 2006.

LAPO, F. R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 65-88, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 Set 2007.

LÜDKE, M. Sobre a socialização profissional de professores. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 99, nov. 1996, p. 5-15.

LÜDKE, M .(coord.) **Aproximando Universidade e Educação Básica pela Pesquisa no Mestrado**. Rio de Janeiro: Departamento de Educação da PUC-Rio. Projeto de Pesquisa, 2005.

LÜDKE, M . El trabajo y el saber del docente: nuevos y viejos desafios. In: In: TENTI FANFANI, E (comp). **El ofício de docente**: vocación, trabajo y profesión em el siglo XXI. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006. p. 187-207

LÜDKE, M. (coord.) **O estágio nos cursos de formação de professores como uma via de mão dupla entre universidade e escola**. Projeto de pesquisa, Departamento de Educação, PUC-Rio, 2007, 16 p.

LÜDKE, M e BOING, L.A. Caminhos da Profissão e da Profissionalidade Docentes. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, set./dez. 2004.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 125, 2005.

MAINARDES, J. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.27, n.94, jan./abr 2006, p.47-69.

_____. **Reinterpretando os Ciclos de aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCHESI, A. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

NÓVOA, A. Os Professores na Virada do Milênio: do excesso dos discursos à pobreza da práticas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, jan./jun. 1999.

_____. Os professores e suas histórias de vida. In: NÓVOA, A. (org) **Vida de Professores 4**. Coleção Ciências da Educação. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

OLIVEIRA, C.A.V. **Formação de professores: identidade e “mal-estar docente”**. Presidente Prudente, 2005. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

O Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam. Pesquisa Nacional UNESCO, São Paulo: Moderna, 2004.

PEREIRA, M. R. **Nos fios de Ariadne: uma cartografia da relação saúde-trabalho dos professores de uma escola da rede pública do estado do Espírito Santo**. Vitória, 2004. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PORTELLA, V.C.M; LÜDKE, M. **Professores mestres : a contribuição do mestrado na formação continuada de professores da educação básica**. Rio de Janeiro, 2008. 136 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SINSON, O.M. **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

RODRIGUES, P.A. M; LÜDKE, M. **Anatomia e fisiologia de um estágio**. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, 2009.

ROLDÃO, M.C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v.12 n.34, Rio de Janeiro, jan./abr. 2007

SÁ, P.T. **A socialização de professores de história de duas gerações: os anos de 1970 e de 2000.** Rio de Janeiro, 2006. 154 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SCHAFFEL, S.L. **O Instituto de Educação do Rio de Janeiro e a Construção de uma Identidade Profissional (1930-1960).** Rio de Janeiro, 1999. 249 p. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SCHOFIELD, J.S. Increasing the generalizability of qualitative research. In HAMMERSLY, M. (edit.). **Educational Research and Evidence-based Practice.** London: SAGE, The Open University – SAGE Publications, 2007. p. 181-203

SCHULMAN, L. Ensino, formação de professor e reforma escolar. In CASTRO, C.M.; CARNOY, M. (orgs). **Como anda a reforma da educação na América Latina?** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 133-139.

SILVEIRA, R.M. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In COSTA, M. V.(org.) **Caminhos Investigativos II: outros modelos de pensar e de fazer pesquisa em educação.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 117-138.

SOARES, M. T. P. (coord.) **As emoções e os valores dos professores brasileiros.** São Paulo: Fundação SM- OEI, s.d. Disponível em http://www.oei.es/valores2/PESQUISA_SEMINARIOVALORES_2008.pdf. Acesso em 27 fev. 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C. As transformações atuais do ensino: três cenários possíveis na evolução da profissão professor. In: TARDIF, M.; LESSARD, C (orgs). **O ofício de professor: histórias, perspectivas e desafios internacionais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 255-277.

TEDESCO, J.C. e TENTI FANFANI, E. Novos docentes e novos alunos. In **Ofício de Professor na América Latina e Caribe: Trabalhos apresentados na Conferência Regional O Desempenho dos Professores na América Latina e no Caribe, Novas Prioridades, Brasília, julho de 2002.** São Paulo: Fundação Victor Civita; Brasília: UNESCO, Brasília, 2004.

TEDESCO, J.C. A modo de conclusión. Uma agenda política para el setor docente. In: TENTI FANFANI, E (comp). **El ofício de docente: vocación, trabajo y profesión em el siglo XXI.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006. p. 329-338.

TEDESCO, J.C. ¿Son posibles las políticas de subjetividad? In TENTI FANFANI, E. (comp.). **Nuevos temas em la agenda de política educativa**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008. p. 53-64

TENTI FANFANI, E. **La condición docente**: Análisis comparado de la Argentina, Brasil, peru e Uruguai. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

_____. Profesionalización docente: consideraciones sociológicas. In: TENTI FANFANI, E (comp). **El oficio de docente**: vocación, trabajo y profesión em el siglo XXI. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006. p.119-142

_____. Introducción: Mirar a escuela desde afuera. In TENTI FANFANI, E. (comp.). **Nuevos temas em la agenda de política educativa**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008. p. 11-26.

TIMM, E. Z. **O bem-estar na docência**: dimensionando o cuidado de si. Porto Alegre, 2006. 262 f .Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, dez. 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 fev. 2009.

7

Anexos

ANEXO I – Roteiro para entrevista semi-estruturada

ANEXO II – A descrição do perfil dos professores e o contexto da entrevista

ANEXO III: A transcrição na íntegra da entrevista com a professora Marina

ANEXO I: Roteiro para entrevista semi-estruturada

Entrevista realizada em _____

Local: _____

1. Identificação:

- Nome:
- Idade:
- Endereço:
- Tel:
- E-mail:
- Tem filhos? Quantos? Idades?(organização familiar)

2. Como se tornou professor? Por quê?

- Formação profissional:
- Fez curso de formação de professores (em nível de Ensino Médio?) Em que ano se graduou?
- Qual licenciatura cursou? Em que faculdade? Período? Como qualifica o curso?
- Início da carreira? Foi como esperava? Teve apoio? De quem? O que foi difícil?

3. Como percebe seu desenvolvimento profissional?

- Como foi a continuidade na carreira? Mudou de escola? De disciplina? Teve interrupções na carreira?
- Carreira objetiva: promoções, mudanças de série, de nível? Outros cargos? Salário?
- Carreira subjetiva: como se percebe sendo professor ao longo do tempo? Que experiências lhe marcaram?
- Tempo de exercício do Magistério: _____ anos
- Escola(s) em trabalha atualmente:

- Nome:
- Função/série/disciplina:
- Tempo em que trabalha nesta(s) escola(s):

4. Como se percebe como professor hoje?

- Com os alunos?
- Com os colegas? Há diferenças na sua relação com colegas de acordo com a experiência que têm?
- Com a(s) instituição (s)?
- Em relação ao saber fazer em sua profissão?
- Pretende continuar ensinando? Por quê?

5. Em sua atuação profissional, o que permaneceu e o que mudou ao longo da carreira em relação ao ensinar, ao lidar com o aluno ou outros aspectos que considere relevantes? (entre outros: Domínio da disciplina? Domínio pedagógico? Comunicação com os alunos? Processo de ensino?)

6- O que interveio para favorecer ou dificultar sua evolução na carreira ou desenvolvimento profissional?

7 - Houve episódios marcantes, decisivos, que contribuíram para que você se mantivesse atuando como professor? O que contribui para aumentar/diminuir sua motivação, entusiasmo?

8 - O que significa ser professor no mundo atual? Qual a função do professor?

ANEXO II: A descrição do perfil dos professores e o contexto da entrevista

Passo a apresentar algumas informações básicas sobre os professores entrevistados, cujos nomes foram alterados, para preservar suas identidades, embora a maioria tenha autorizado sua divulgação:

a) Sara

É formada em Licenciatura em Ciências Biológicas, na UERJ, tem Especialização em Ensino de Ciências e Mestrado em Educação. Tem 31 anos de docência. Sara me foi indicada pelo GEProf, e é uma “Professora Nota 10”, vencedora do concurso promovido pela Fundação Victor Civita. Atualmente, é professora de Ciências de 6º a 9º ano, em duas escolas municipais, localizadas na Zona Norte do Rio de Janeiro, e leciona uma disciplina em curso de Pós-Graduação Ambiental. Aposentou-se já em uma das matrículas. Sara trabalhou também em escola particular, foi bolsista da FAPERJ, trabalhando na formação de professores no Ensino de Ciências. Trabalhou também em uma escola com ensino à distância, visitando escolas no Brasil inteiro. A entrevista com Sara ocorreu na PUC, em abril de 2008, e durou cerca de 1h15min. Em alguns momentos, a professora consultava o relógio, pois não queria se atrasar para a aula. Isto, entretanto, não pareceu impedi-la de se alongar e de dar detalhes sobre vários aspectos, ao longo do depoimento.

Encerrada a entrevista, combinei que, após digitá-la, a enviaria para o e-mail da professora, para que a mesma a aprovasse – o que foi combinado com todos. Sara recebeu a entrevista e me respondeu ao e-mail, não fez alterações significativas à transcrição. Em encontro posterior, em palestra, na PUC, mostrou-se cansada com a situação em que precisa atuar atualmente: está espantada com a relação entre os alunos (“duas alunas brigaram na minha sala, nunca vivi isso!”), e bastante preocupada com o que descreveu como autoritarismo da secretaria municipal de educação no tocante à aprovação automática, sem ter dado condições às escolas e seus professores para trabalharem.

Sara é casada, tem filhos (ambos biólogos, a filha é professora universitária) e netos.

b) Marina

Essa professora me foi indicada por Sara, é sua colega em uma das escolas. Marina tem toda sua escolarização em escolas públicas, fez Curso Normal no Colégio Julia Kubitschek, na Graduação cursou Arquivologia na UFRJ e, depois, História na UERJ. Tem 35 anos de exercício da docência. Fala com orgulho que foi “uma das fundadoras do SEPE (Sindicato Estadual dos Profissionais da

Educação)”. É professora de História de 6º a 9º ano em escola municipal da Zona Norte do Rio. Também encontra-se aposentada em uma matrícula. A professora é solteira, vive com uma mãe idosa. A entrevista ocorreu em maio. Quando cheguei à escola, Marina me recebeu animada, relatando de forma bem-humorada a maneira através da qual conseguiu encontrar o artista plástico que idealizou os murais pintados há dez anos pelos alunos nas paredes do Colégio. Ela e a diretora me mostraram parcialmente a escola, muito bem cuidada, com lindos painéis pintados há dez anos, “uma das formas que encontramos para evitar pichações” (a escola não tinha nenhuma). Chamou-me a atenção o fato de todas as salas e acessos aos andares terem trancas, bem como os armários e recursos audiovisuais. O encontro com a professora ocorreu na sala de História, “a única sala ambiente do Colégio”, durando cerca de 1h40min. A sala estava repleta de materiais e objetos relacionados à História, tinha TV e vídeo. A entrevista foi interrompida algumas rápidas vezes para que a professora atendesse ao celular, pois me havia informado que tem uma mãe idosa, que fica sozinha, e por alunos, que queriam que ela adiantasse o tempo, porque um professor havia faltado, ou os liberasse. Com delicadeza, mas firme, ela disse que estava me atendendo, pediu-lhes que aguardassem no pátio.

Marina fez algumas alterações, melhorando o texto da transcrição, deu-me vários *folders* das Amostras Histórico-Geográficas realizadas por ela, pela colega de Geografia e pelos alunos, numa parceria informal com o IFCS e mandou-me por e-mail o convite para a Mostra Cultural do Colégio.

c) Maura

Fez Curso Normal, no Instituto de Educação, à época que se prestava concurso para entrar nesse e tornou-se professora do Estado da Guanabara automaticamente, sendo professoranda por um ano. Fez História Natural na UERJ e complementação em Pedagogia, Supervisão Pedagógica. Coursou Especialização em Ensino de Ciências, o mesmo curso de Sara, a professora que me indicou Maura. Essa professora tem 49 anos de docência, sendo que cerca de 13 em Secretaria de Educação, tendo ficado responsável pelo grupo de trabalho que elaborou o currículo de Ciências e propostas pedagógicas para sua concretização. Maura trabalha atualmente como professora de Ciências, em escola municipal, em uma matrícula, em dois turnos, de 6º a 9º ano. Não se aposentou. Tem 67 anos.

A entrevista se realizou na escola, em agosto, no horário do centro de estudos, após autorização da vice-diretora. A escola tinha porteiro eletrônico e o ambiente parecia bem calmo, havia um inspetor cuidando das crianças. Face à impossibilidade de encontrarmos uma sala livre, ficamos no refeitório, um local amplo, coberto, na entrada da escola, onde se instalaram mesinhas e cadeiras, cobertas com toalhas e vasilhas com girassóis (artificiais), transmitindo uma sensação de acolhimento. O local estava tranquilo ao início da entrevista, com uma mesa ocupada por uma professora que conversava com alguns alunos, mas ficou barulhento ao longo da entrevista, porque a conversa da professora com os alunos foi aumentando em volume e em número de participantes, e o ruído de fundo incomodou a entrevistada, que ficou (aparentemente) constrangida com o ocorrido. Maura baixava o tom de voz quando ia comentar algo sobre colegas ou sobre a instituição. Num dos momentos mais inflamados do discurso de sua

colega, interrompemos a entrevista e Maura aproveitou para buscar a produção de sua turma para um evento da Secretaria de Educação, que me mostrou em seguida com muito prazer e orgulho. Quase ao final da entrevista, um aluno nos interrompeu, comentando que eu estava conversando com a melhor professora do mundo, a melhor professora de Ciências. Abraçou e beijou a professora. Era um aluno de 5ª série, atual 6º ano.

A professora estava inicialmente preocupada com o tempo de duração da conversa, que durou 1 hora, mas foi se soltando e a evolução do depoimento se deu de forma mais espontânea, fluida. Maura me transmitiu a impressão de uma professora preocupada com seu papel na sociedade, com muito prazer em ensinar e estar com os alunos e em saber. Já após a gravação, quando quis saber mais detalhes do meu percurso, ela fala: “É, a escola emburrece, a gente precisa sair para arejar, se renovar, estudar”.

Maura é casada, seu marido é professor também, foi aposentado “por compulsória” em 2007 e voltou a trabalhar na rede municipal por contrato. O casal tem filhas, todos “gostam de estudar”, duas médicas e uma dentista, todos estudaram em escola pública.

d) Amanda

Essa professora foi-me indicada pelo GEProf. Amanda fez Curso Normal, no Instituto de Educação, Graduou-se em História, na FEUC, tendo abandonado o curso no IFICS, que cursava na época da ditadura. Fez Mestrado em Educação na UERJ. Participa de grupo de pesquisa e pretende fazer Doutorado em Educação. Trabalhou como professora de Ensino Fundamental I por muitos anos, até aposentar-se, em uma matrícula no Colégio onde trabalha até hoje. Trabalha também como professora de 6º a 9º ano de História em uma escola pública federal. Tem 41 anos de docência.

O encontro com Amanda ocorreu em junho na biblioteca do 12º andar da UERJ, área da varanda. A professora estava muito gripada, mas mesmo assim mostrou-se muito amável e solícita. Pensava nas respostas, em especial a “Qual é a função do professor hoje?” Perguntou se poderia mandar essa para mim por e-mail. Combinei que, quando eu mandasse a transcrição, ela acrescentaria a resposta, o que foi feito. Amanda fez algumas alterações importantes no texto da transcrição.

Pareceu-me uma pessoa de “espírito inquieto”. Movia-se muito, olhava para a vista. Mas estava disponível. Teve um período curto fora de sala, em 1978.

Amanda indicou-me alguns colegas, mas como já estava entrevistando um grupo de professores dessa mesma instituição, optei por buscar professores de outras escolas e não realizei contato com eles.

Amanda é solteira, tem um filho adulto.

e) Elisa

Essa professora me foi indicada por uma professora que trabalha comigo há muitos anos, altamente entusiasmada e comprometida com a profissão docente. Elisa participa de publicação de História na escola em que trabalha. Coursou Normal, no Instituto de Educação, trabalhou alguns anos como professora de 1ª a 4ª séries do Município. Graduou-se em História na UERJ. Foi professora de Escola Municipal de História, de 6º a 9º anos, até se aposentar. Já aposentada, resolveu fazer concurso para a escola federal onde trabalha até hoje como professora de História de 6º a 9º anos. É casada, tem três filhos. A entrevista ocorreu em junho, em sua residência, na Tijuca, num local próximo ao de minha residência de infância, coincidência que serviu para “quebrar o gelo” do início de conversa. Iniciamos a entrevista, que foi interrompida para que Elisa pedisse um café à sua empregada. Fui servida de café, biscoitos e bolo, num ambiente tranquilo e silencioso. A entrevista durou 2h50min, para um depoimento extenso sobre a vida profissional da professora, que completa 40 anos de profissão em 2008. Além disso, Elisa me forneceu exemplares da revista editada pelo Departamento de História, pois pertence ao Corpo Editorial e me deu um exemplar de livro feito pelos alunos, em comemoração ao aniversário do Colégio.

Elisa é casada, tem três filhos, um jovem, uma casada, advogada, e uma solteira, desempregada, formada em Desenho Industrial.

Elisa me indicou uma colega: Zaira, que me indicou Lauro e André.

f) Zaira

Coursou Normal, Instituto de Educação, como Maura, entrou sem concurso como professora no Estado da Guanabara. Graduou-se na Escola de Belas Artes (UFRJ), como professora de Artes e de Desenho. Fez Pedagogia (Unisuam), Especialização em Composição de Interiores e Psicopedagogia. Trabalha em Educação há 46 anos, 43 em sala de aula. Aposentada em duas matrículas de professora de segundo segmento do Ensino Fundamental no município. Foi supervisora pedagógica. Trabalhou pouco tempo em escola particular, simultaneamente ao município. Ficou 3 anos fora de sala em escola, em apoio e setor técnico. Atualmente, trabalha como professora de Desenho de 8º e 9º ano em escola pública federal.

Encontro marcado por telefone, por indicação de Elisa. No dia, em agosto, a professora me recebeu afetuosamente no corredor do colégio e me encaminhou a uma sala de professores, ocupada por dois colegas, que conversavam sobre um assunto de trabalho. Havia muito barulho no início, devido ao horário de entrada do turno da tarde. Tranquilei a professora, afirmando que o barulho não me incomodava. Zaira mostrou-se muito disponível, mas não se mostrou tão expansiva quanto às professoras quem eu já havia entrevistado. O que chamou a atenção foi a fala de que nasceu para ser professora e sua calma e firmeza. Não parece professora que permita indisciplina. A professora não só se mostrou disponível para a entrevista, como buscou mais três professores para que eu entrevistasse, desses, entrevistei dois, o professor Lauro e o André. A entrevista

foi interrompida três vezes, por um aluno e por Elisa, coordenadora de Zaira, para entregar material de pré-COC (Conselho de Classe).

Ao final da entrevista, que durou 45 min, Zaira consultou os colegas da sala sobre professores mais experientes e entusiasmados. Os colegas, professores mais jovens, ficaram abismados com o tempo de carreira dos colegas, comentando: **Aqui até dá. Mas no município é barra!**

Zaira é casada, tem três filhos. Dois casados, um engenheiro, um administrador e uma filha solteira, desempregada, formada em publicidade. Tem um marido muito dependente dela, por ter sequelas de um problema de saúde anterior.

g) Lauro

O professor fez curso técnico no CEFET. Queria ser engenheiro mecânico, mas, por ser órfão, precisava estudar à noite para poder trabalhar. Como gostava de Geografia, escolheu esse curso na UERJ. Tem Especialização em Problemas do Desempenho Escolar. Trabalha até hoje em escola pública federal e particular, no Ensino Fundamental e Médio, como professor de Geografia. Tem 35 anos de docência, chegou a ser coordenador de Geografia um curto período. A entrevista ocorreu em agosto, numa sala sem luz e com barulho da entrada de turno, no Colégio federal.

No início, o professor, muito atento, me respondia com muita formalidade, impressionou-me o cuidado com o Português, a ênfase que deu à sua “atenção em cumprir os planos do MEC, diretrizes”. Também impressionou o fato de não ter situado o contexto político do Brasil na época da formação – fato muito mencionado pelas colegas de História. Só menciona que a Geografia mudou, de Descritiva para Política, e ele foi se adaptando. Ao final da entrevista, começou a se mostrar mais à vontade. Quando lhe agradeço, ele fala: “Espero que minhas respostas tenham agradado”, eu respondo que toda contribuição deles, qualquer que seja, é um rico material de pesquisa para mim. Aí ele me pergunta de novo qual é meu tema e volta a falar – gravei um 2º bloco, com ele mais falante e à vontade.

O professor é casado, tem um casal de filhos e netos. Nosso encontro durou 55min.

h) André

O professor cursou o antigo Científico e depois, bacharelado e Licenciatura em Física na Souza Marques. Fez serviço militar obrigatório e foi cabo. Lecionou em escola particular, foi coordenador por pouco tempo, professor do Estado, exonerou-se quando entrou na escola federal na qual trabalha há 25 anos. Chegou a lecionar no Ensino Superior (Cálculo e Física). Começou o mestrado no observatório nacional, mas desistiu, por sentir-se desrespeitado pela postura de alguns professores. Tem Especialização em Física.

O professor foi entrevistado no final de agosto, numa sala da Coordenação da escola pública federal em que ele trabalha. Precisou dar atenção ao filho, e depois, pôde me dar atenção. A sala tinha alguns professores trabalhando, que não pareceram se incomodar com nossa presença, um deles era o professor André. A princípio mais monossilábico, André foi se soltando. Começou fazendo algumas críticas à realidade educacional, depois, empolgou-se, falando sem parar e sem precisar de perguntas, em especial quando fala sobre como ensina Física no Laboratório e o que a Física significa para ele. Lembra-se de muitos experimentos e exercícios, fala com carinho dos alunos e da sua flexibilidade, contrastando com a disciplina que pregara ao início da entrevista (ou seja, o aluno precisa chegar pontualmente, mas pode faltar e repor a aula). Chama atenção a forma como aproveita o erro dos alunos para que aprendam melhor. A entrevista durou 40min.

O professor é viúvo, tem um filho cursando Direito, um de 12 anos e uma menina ainda criança.

i) Viviane

A professora me foi indicada por uma pesquisadora da FIOCRUZ, irmã de Viviane, que a descreveu como alguém apaixonada pela profissão, altamente envolvida com o que faz. Conheci sua diretora e alguns colegas, que a descreveram como uma professora entusiasmada, envolvida e preocupada com os alunos. Viviane fez Curso Normal no Instituto de Educação, ingressou em 1978 em Licenciatura em Letras (UFRJ), fez mais tarde Especialização em Literatura Brasileira e Metodologia do Ensino Superior. Sempre trabalhou na rede municipal, tinha duas matrículas, aposentou-se em uma. Chegou a trabalhar como professora de Ensino Fundamental I. Atualmente é professora de Português de uma escola municipal em São Cristóvão, de 8º e 9º anos.

A entrevista ocorreu no apartamento de sua irmã, em meados de setembro, e durou 50 minutos. A professora estava de licença médica, recuperando-se de cirurgia para curar uma LER, na mão. Disse que já não aguentava mais ficar em casa. Pareceu-me uma professora realmente entusiasmada, definiu que o que resume o que a faz atuar é o “amor ao ser humano”. Viviane mostra-se preocupada com não poder fazer mais pelos alunos, ressalta várias vezes a necessidade da escola ter outros profissionais dando assistência a eles. Mostrou-se perseverante, recebeu uma turma que não sabia quase ler e escrever, um 8º ano “resultado de aprovação automática”, e estava se esforçando para terminar a alfabetização dos alunos, usando, inclusive, metodologia e recursos – adaptados, naturalmente – que usava quando era professora primária. Viviane é solteira, mora sozinha.

j) Jonas

Esse foi o último professor entrevistado, devido a uma série de fatores. Jonas foi um dos principais inspiradores da presente pesquisa. Embora eu trabalhe com ele há vários anos na mesma escola, não trabalhamos no mesmo nível, uma vez que ele atua no 9º ano e Ensino Médio, e eu, atualmente, de 6º a 8º.

Entretanto, Jonas foi meu coordenador de Geografia, quando ainda era professora de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Muitas ações dele me inspiram até hoje, pois Jonas demonstra um enorme comprometimento profissional e pessoal com a sua tarefa, tem uma clara visão política de sua função como professor, é capaz de perceber os limites de sua atuação, preocupa-se com ensinar a todos os alunos. Há muito tempo atrás, já ouvia Jonas relatar estratégias de atuação diferenciada com alunos e oferecer aos alunos uma recuperação verdadeiramente paralela. Além disso, é um professor querido por sua competência e excelente relação com alunos e colegas. Conheci-o também como mãe, dois de meus três filhos já foram seus alunos. Jonas representa, de uma certa forma, um *tipo ideal*: sereno, por sua experiência e sabedoria, mas nem por isso menos entusiasmado e cheio de energia; coerente, faz o que diz e persegue o que acredita. Não iria entrevistá-lo, mas, após encontro com minha orientadora, decidimos por buscar o depoimento dele por sua relevância para o trabalho. Assim, deixei por último esse professor, na esperança de que a experiência do exercício de estranhamento vivenciada na entrevista aos dez professores feitas para esse trabalho e mais outros tantos para a pesquisa do grupo de pesquisa do qual participo, o GEProf, me auxiliassem a evitar algumas armadilhas. Foi interessante, porque, como não conhecia sua história com detalhes, pude ouvir o depoimento do professor com um distanciamento maior até do que eu imaginara. Marquei a entrevista fora do nosso horário de trabalho, e, a pedido dele, realizei-a numa sala da escola onde trabalhamos, mas que é de domínio dele. A entrevista ocorreu em outubro de 2008, durou 1h 40min.

Jonas fez Ensino Fundamental em escola pública e Ensino Médio em escola particular, fez curso Técnico em Contabilidade, pois começou a trabalhar em banco e achou que esse curso o auxiliaria a subir na carreira. Segundo Jonas, na época havia poucas vagas na rede estatal no Ensino Médio, ele não conseguiu vaga. Prestou serviço militar obrigatório. Fez cursinho pré-vestibular, tentaria Jornalismo, mas, por influência de um professor, fez Geografia, Licenciatura, na Gama Filho, à noite, pois trabalhava de dia. Fez Especialização em Currículo.

Trabalhou em escolas particulares e na rede municipal, simultaneamente. Foi da comissão de implementação do projeto do CIEP, coordenador de Geografia. Tem experiência na EJA. Atualmente, é professor de Geografia do 9º ano e Ensino Médio, em escolas particulares e também coordenador da 3ª série do Ensino Médio em uma delas. Aposentou-se na matrícula do Município em 2005. Foi o único professor entrevistado que, no momento, trabalhava apenas em escola particular. Tem 40 anos de atuação em sala de aula, ininterruptas.

Jonas é casado, tem dois filhos, ambos graduados. Seu pai foi professor de Português, trabalhou até os 82 anos, a esposa também é professora de Português e Literatura.

A entrevista foi uma das mais comentadas com minha orientadora, com o intuito de buscar outro olhar para a análise da mesma.

ANEXO III: A transcrição na íntegra da entrevista com a professora Marina

Marina - É bom sempre você pegar e fazer a correção da transcrição. É só isso que eu te peço...

Cristina – Com prazer, você me dá o seu e-mail, já me passa logo.

Marina – ----- Marina C. G..

Cristina – Bom, vamos lá, vamos começar por trás. Eu estou fazendo uma pesquisa com professores que já têm mais tempo de experiência no magistério e quem me indicou você foi a Solange, que indicou você como uma professora alto astral, cheia de energia...

Marina – Que bom que você chegou aqui e me encontrou assim, (risos) me pegou no pique, né?

Cristina – Peguei você no pique, já trabalhando! Mas, enfim, eu queria conhecer um pouco da história desses professores. Eu estou tentando fazer um levantamento, um depoimento, não chega a ser história de vida, porque senão a gente iria ficar dias conversando, mas, depoimentos, e aí vou fazer esse levantamento. Vou mandar a transcrição para você, depois te mando a dissertação, também, em cd, para você ter e se quiser ir assistir à defesa eu vou ficar muito feliz.

Marina – Você avisa.

Cristina – Aviso, eu mando tudo por e-mail. Né, bom, enfim...

Marina – Você está fazendo a PUC?

Cristina – Na PUC, estou fazendo na PUC, com a professora Menga Lüdke.

Marina – Eu conheço, assim...

Cristina – Você falou do...

Marina – É, porque eu conheço o pessoal da PUC e tenho um vínculo grande com o pessoal do NEAD, que é o Núcleo de Educação de Adultos, o Projeto Raízes Comunitárias, com o professor Carmelo e equipe, ainda ontem estive com ele, fez aniversário ontem. Às vezes me convidam para participar com eles dos projetos de formação de formadores de EJA

Cristina – É?

Marina – É. E aí a professora X que é da equipe do NEAD. É até uma pessoa que você deveria entrevistar.

Cristina – Ela está em escola básica?

Marina – Não, ela não. A X. já começando a nossa conversa diante desse teu projeto, ela está defendendo a tese de doutorado dela na sexta feira, agora dia 30. E ela é uma pessoa que continua em sala de aula. Ela trabalha com alfabetização de adultos no Santo Inácio. Ela trabalha com EJA – Educação de Jovens e Adultos. Também trabalha na PUC e em outros Projetos com Formação de Formadores de EJA. Ela está lá pertinho de você. E ela não entende o trabalho dela se não for vinculado ao campo de trabalho, dando aula.

Cristina – Como é que você se tornou professora? Me conta um pouquinho dessa sua...

Marina – Olha, eu sou professora por vocação. Desde pequena, se alguém perguntasse: “O que você quer ser quando crescer?”, “Professora”. E foi assim que me formei professora, eu sempre quis ser professora e eu venho de uma época em que fazer magistério era uma coisa que não era simples, era algo concorrido, porque você tinha outra... você tinha que fazer concurso e eu passei por essas etapas todas.

Cristina – Você fez o magistério?

Marina – Eu fiz o curso Normal. Eu fiz a Escola Normal Júlia Kubitschek. Na época que eu fiz Júlia, a Júlia não tinha nem prédio, a gente estudava ali no Liceu de Artes e Ofícios, depois já tinha o lugar onde ia ser construído o prédio, que é ao lado, e depois foi construído, hoje é uma escola estadual.

Cristina – Aí você chegou a trabalhar como professora de 1ª a 4ª série?

Marina – Sim, na minha outra matrícula eu me aposentei como professora II.

Cristina – Olha que beleza!

Marina – Me aposentei em 96, só que nesta minha caminhada de professora II, eu estive de 1984 até 96, eu trabalhei com o Programa de Educação Juvenil, E quando eu entrei no Programa de Educação Juvenil, porque eu entrei no programa em 84, quando ele era lançado em três escolas, não esse programa que você tem hoje. O primeiro programa do município foi em três escolas municipais, que eram escolas localizadas em áreas consideradas de grande evasão, que foi Inhaúma, Fazenda Botafogo e se não estou enganada, Oswaldo Cruz, eram três escolas. E eu participei da implantação desse projeto, não é? Porque, assim, eu tive, não sei se você já ouviu falar... você trabalha na rede?

Cristina – Não. Trabalhei pouco tempo.

Marina – Então, quem trabalha na rede do município sabe o que foi o Encontro de Mendes, que foi um encontro estadual em 1983, esse encontro, na época do governo Brizola, e Maria Yeda Linhares era a secretária de educação do município do Rio de Janeiro e a professora Iara Vargas era do estado. E nesse encontro, foi um encontro muito bem organizado, ele aconteceu, primeiro em pólos de três escolas, depois pólos que juntavam resultados desses pólos pequenos, eu fiquei na área do pólo da UERJ e eu saí delegada do pólo da UERJ,

eram dez delegados e eu fui porta-voz desse pólo, que foi da UERJ. E aí nós fomos a Mendes, junto com o estado inteiro. E toda essa discussão no Encontro de Mendes, uma das teses que vinha nas discussões era a implantação do Projeto de Educação Juvenil, para atender alunos de 14 a 20 anos em três escolas, em áreas consideradas áreas de evasão. Aí a professora Maria Yeda, comentou, “quem estiver interessado, procura a Secretaria de Educação...” Eu trabalhava, nessa época, na escola Affonso Penna, aqui na Tijuca. Trabalhei muito tempo com turma de 4ª série, naquela época você tinha as quartas séries com professor para Estudos Sociais e Ciências, de Matemática e Língua Portuguesa, uma coisa assim. E aí, nesta época, eu procurei e me interessei e aí eu saí da escola e fui trabalhar em Inhaúma à noite, que eu sempre fui chegada a uns desafios.

Cristina – Estou percebendo...

Marina – Quando eu fui trabalhar à noite lá, o que aconteceu? A maior parte de nós, ao procurar o projeto, era professor que tinha formação universitária. Eu já era formada em História, mas não havia concurso, então eu continuei trabalhando de C.A. a 4ª série. E nessa época, em 84, eu fui para o PEJ, mas em desvio de função. Porque esse primeiro programa atendia alunos da alfabetização à 8ª série. Ele trabalhava com núcleo de interesse e núcleo comum, e eu fiquei dando aula de História, desviada de função, eu e outros colegas, porque eles perceberam que os profissionais que procuraram, se interessaram pelo projeto, na época, eram pessoas que tinham uma afinidade grande por este tipo de trabalho, mas, professores, no caso, eu era professora de História, e professores II, com formação, eles entenderam que tinha um grupo muito grande com uma afinidade muito grande para o tipo de trabalho que se propunha, então eles nos convidaram a ficar dando aula da nossa disciplina.

Cristina – Entendi.

Marina – Entende? Então, assim, você tinha a equipe de Língua Portuguesa, que tinha vários professores que eram professores II com formação, mas que não estavam na rede como Professores I porque não havia concurso, o concurso só acontece em 85, foi quando eu entrei na outra matrícula, que é essa matrícula que eu tenho aqui hoje.

Cristina – Entendi...

Marina – Deu para entender?

Cristina – Então me conta um pouquinho...

Marina – Bom, aí depois, olha só, aí depois eu passei para o PEJ, para o Programa de Educação Juvenil dos CIEPs, os CIEPs foram implantados em 85 e aí eu vim para o PEJ dos CIEPs, onde eu trabalhei até 96, me aposentei no programa. Então, eu tenho um vínculo grande com alfabetização de jovens e adultos.

Cristina – Entendi, entendi, muito legal. Você gosta de um desafio mesmo...

Marina – Gosto...

Cristina - ...implantar um projeto desse, deve ser muito prazeroso.

Marina – É, então a gente... e foi uma coisa bastante interessante, eu descobri um outro mundo que a gente não vivenciava dentro da rede, mas aí é uma história muito longa.

Cristina – Me conta um pouco. Você se formou no magistério, aí foi trabalhar no município, fez concurso, chegou a trabalhar...

Marina – Sim, já peguei concurso, entrei no município em 72. Porque antigamente você entrava direto, saía do Instituto, da Júlia, da Carmela e entrava direto e eu acho que com... se eu não me engano eu fiz o segundo concurso, eu acho que foi, porque eu terminei o normal em 71 e em 72 eu entrei, foi o concurso, eu entrei para o município em 72, foi em setembro de 72.

Cristina – Tá certo. E aí, você foi para a Affonso Penna ou era outra escola?

Marina – Não, não, eu fui para a escola Ramiz Galvão, em Malé.

Cristina – Não conheço.

Marina – Ah, uma escolinha maravilhosa.

Cristina – Era?

Marina – Era. Eu tive a felicidade de ao entrar no município, ser bem lotada, porque Malé, não sei se você conhece ali onde tem o... não tem o cemitério Jardim da Saudade em Sulacap?

Cristina – Tem.

Marina – Logo depois é Malé, antes um pouquinho de Realengo. Falam Realengo, mas ali é Malé, onde, antes da praça do Piraquara... e era uma escola que, quem dirigia a escola, dona Cidéia, ela ainda está aí e de vez em quando eu ligo para ela. Ela era diretora, a irmã dela era adjunta, depois uma outra irmã veio ser adjunta. Era uma família e, assim, e eu encontrei, assim, um carinho tão grande naquela escola e eu fui muito feliz lá. Depois sai de lá e vim para uma escola lá em remoção, naquela época remoção não era como hoje, você entrava num concurso de remoção, você tinha que ter pontos. Então, eu para sair lá de Realengo para Vila Isabel, eu participei do censo escolar, teve um censo em 75, se eu não estou enganada, e aí eu fiz quatro mil e tantos pontos, porque eu fiz duzentas e oitenta e cinco residências, uma coisa assim, fiz em Padre Miguel, um conjunto residencial de Padre Miguel e eu fiz quatro mil e não sei quantos pontos, que me dava pontos para eu vir no concurso de remoção, porque não tinha remoção todo ano. Então eu vim removida para... eu vim para Vila Isabel, eu vim para a escola Barão Homem de Melo.

Cristina – Barão Homem de Melo?

Marina – Isso.

Cristina – Tudo isso como PII?

Marina – PII.

Cristina – Tá, Vila Isabel. E, ao mesmo tempo, como você entrou para a faculdade...

Marina – Aí eu entrei para a UERJ em 76, para fazer História, eu já tinha o curso de Arquivologia e em 76 eu entrei para História. O curso que eu fiz de Arquivologia foi no primeiro mandato universitário em Arquivologia dado pela UFRJ. E aí, em 76 eu fiz, tinha terminado Arquivologia, aí me interessei por História, até porque por ter caminhado dentro da História, ter estudado as ciências auxiliares da História, isso me deu vontade de trilhar o caminho da História. E aí eu fiz em 76 e terminei UERJ em 79.

Cristina – Ótimo. Aí você entrou...

(A entrevista foi interrompida nesse ponto por um aluno que, muito educadamente, perguntou se a professora poderia adiantar o tempo duplo que teria com sua turma porque a professora dos dois primeiros tempos faltara. Marina explicou que hoje não poderia por estar me atendendo, pediu que a turma a aguardasse no pátio.)

Enfim, você foi fazer História, entrou nesse programa de educação juvenil...

Marina – Não, ainda não, só entrei no juvenil em 84, de 79 a 84 eu continuei trabalhando como professora P.II (de CA a 4ª série) trabalhei um ano na escola Mário de Andrade, porque eu tive um problema de rins sério e aí eu tive que ficar durante dois anos em tratamento, e depois, eu já estava na Barão Homem de Melo. Depois da Barão Homem de Melo, eu trabalhei um ano na escola Mário de Andrade. E naquela época, uma coisa interessante, naquela época, aluno que não conseguisse se alfabetizar em três anos, ele era rotulado como aluno EE. Aí, na Mário de Andrade tinha uma turma sem professor, e eu fui pegar essa turma e no final do ano só uma menina que eu não consegui alfabetizar, só uma aluna, que essa realmente tinha um monte de problemas. E também foi outra experiência bastante interessante. E depois foi a Affonso Penna, fiquei na Affonso Penna, eu acho que, 81, 82 e 83, se eu não estou enganada, e da Affonso Penna eu saí para o Programa de Educação Juvenil, o PEJ, nas três escolas (desviada de função dando aula de História, para turmas de 5ª a 8ª séries) e depois no PEJ do CIEP (na matrícula de PII.). Só em 1985 assumi a outra matrícula de P I – História.

Cristina – No PEJ do CIEP... dobrava turma? No PEJ não que era à noite, claro, mas...

Marina – Não, o que acontecia nesse período? Em 85 eu entrei para História, em 87 o Projeto das três escolas terminou, aí a gente estava em desvio de função e a Secretaria resolveu tirar, com medo de que nós reivindicássemos plano de carreira, quer dizer, foram eles que nos convidaram a ficar em desvio, não é? Teve um período que eu fiquei no Multimeios, novamente na Mário de Andrade com a

matrícula de PII, aí veio o concurso em 85, eu conquistei por concurso outra matrícula, a de Professor I de História, para lecionar de 5^a a 8^a.

Cristina – Entendi. Aí você ficou...

Marina – No final de... foi em 85, foi julho, se eu não me engano, aí eu fui para o CIEP (...) em Del Castilho..

Cristina – Como é que é o nome do CIEP?

Marina – CIEP Patrice Lumumba.

Cristina – Aí lá você entrou para ser professora de História...

Marina – De História, em 85, PI.

Cristina – E que séries você costumou pegar? Passou por...

Marina – Ah, eu passei... olha, eu sempre tive... eu não, assim, 5^a a 8^a eu tenho passado em todas as séries...

Cristina – Dá voltas e voltas...

Marina – Aqui na escola já teve ano de eu ter uma turma de cada série...

(pausa para atender celular)

Cristina – ...aí você falou que aqui...

Marina – ...Eu tive anos de ter aqui uma turma de cada série.

Cristina – Que loucura!

Marina – Isso é muito comum. Esse ano eu tenho 5^a, tenho... agora não é quinta né, eu tenho 6^o ano, 7^o ano e 8^o ano.

Cristina – Muito bem. E aí? Me conta, você chegou a trabalhar em escola particular?

Marina – Trabalhei.

Cristina – Trabalhou, né?

Marina – Eu trabalhei. Quando eu trabalhava em Realengo, eu trabalhava no Colégio Metropolitano, no Méier. Depois eu trabalhei numa escola, que não existe mais aqui, que é o Instituto Santa Luzia, que já terminou, que era ali na Tijuca. Mas o meu pé é na escola pública.

Cristina – Que bom. Aqui, há quanto tempo você está nesta escola?

Marina – Aqui eu estou, desde 94, eu estou aqui há...

Cristina – Nossa, 14 anos, vai fazer 14 anos...

Marina – 14 anos, eu vim para cá em 94.

Cristina – E aqui, você sempre ocupou a função de PI...

Marina – Sempre PI, sempre professora regente. Na minha vida eu só deixei de ocupar regência, quando fui para direção em escola, eu dirigi o Patrice, uma equipe de direção, fui diretora adjunta, Patrice Lumumba, foi de 88 a 90, e quando eu estive no Sambódromo, em 92, como apoio da direção, eu era apoio de integração social da direção geral do Sambódromo, mas retificando: no Sambódromo eu não tinha turma, mas na outra matrícula eu regia turma no PEJ do CIEP Samuel Wainer e quando eu estive no PEJ como P.O. eu regia turma na Luther King . Portanto eu só não tive turma quando estive na Direção do CIEP Patrice Lumumba com a matrícula de História e na matrícula de professor II eu era da Equipe Interdisciplinar do CIEP. Eu fui P.O. do PEJ de...

Cristina – O que é P.O.?

Marina – Professor orientador, é como se fosse o coordenador pedagógico. Eu fui P.O. do PEJ de 93 a 95.

Cristina – E seus cursos de formação? Como é que você avalia essa sua formação? Você falou muito bem da sua entrada no magistério naquela época.

Marina – Como é que eu avalio? Olha, a minha formação é toda de rede pública, eu fui formada, desde o jardim de infância, na época, na rede pública. Eu fiz jardim de infância Campos Sales...

Cristina – Olha, Campos Sales!

Marina – Eu fiz Escola Tiradentes.

Cristina – Certo!

Marina – Eu fiz Colégio Pedro II, fiz Júlia Kubitschek, fiz o curso de Arquivo, em princípio no Arquivo Nacional, depois com mandato da UFRJ e fiz UERJ.

Cristina – Uma beleza.

Marina – Então, a minha caminhada é dentro da rede pública.

Cristina – Você acha que, assim, a sua formação para a escola Normal, a sua formação em História, licenciatura, você deve ter feito licenciatura, presumo, né? Elas te deram um bom suporte para você começar a trabalhar?

Marina – Olha, eu acho... a minha formação profissional, eu fui formada na época da ditadura. Agora, UERJ é muito engraçado, né. Eu tive disciplinas na UERJ que

o professor não ensinava porque tinha filhos para criar. Não vou citar professora, mas ela dizia: “Não vou falar sobre Revolução Russa, porque tenho filhos para criar”. Eu peguei UERJ, por exemplo, quando o Movimento Estudantil estava retornando em 77. Mas assim, mas a minha turma na UERJ foi a última turma do período de seriação, e nós nos formamos quase... nós entramos 40 alunos e terminamos 35. Então a gente tinha uma turma muito questionadora e a gente cobrava dos professores, a gente foi a primeira turma a fazer greve dentro da UERJ, por causa de questões de ensino, no primeiro ano em 76, no final do ano nós nos reunimos, fizemos um documento questionando o nível de ensino. E aí nós entregamos aquele documento, não citamos nome de ninguém e entregamos ao diretor de departamento. Em 77 nós fizemos um documento, no meio do ano, antes das provas de meio de ano, até por questões que vinham ocorrendo em algumas provas, e aí nós fizemos outro documento, só que desta vez nós citamos nomes de todo mundo. E a gente só voltava, só fazia as provas com reunião de todos os professores. Ficamos um mês de greve. E você imagina isso em 77...

Cristina – Certo!

Marina – ...enquanto um grupo entregou o documento ao sub-reitor o outro grupo entregou ao diretor de departamento. E aí subiu todo mundo. E a gente dizia: nosso movimento, a conotação dele é questão educacional, pedagógica. Ora, se não era política também né, é lógico que era. Mas assim, depois teve a tal da reunião, e aí são muitas histórias. E no Normal, neste período, 71, eu acho assim, que aquela coisa do tecnicismo da época, eu acho que foi uma educação “bastante interessante” para o sentido que era dado à educação naquele período, pois atendia ao contexto da época: a racionalização dos meios e das técnicas de ensinar, a valorização dos ditos especialistas das técnicas, as tecnologias de ensino, agora, nada que me... naquela época me fizesse ser um profissional questionador... isso aí, quer dizer, meu livro de História eu guardo até hoje, que eu estudei no Normal. É um compêndio de História, um livrinho deste tamanho, capinha verde clara, não tem uma ilustração, professor José Ferreira da Costa, Livro-Texto de História do Brasil (Curso Médio) Curso Ginásial – Concursos às Escolas Normais e Militares, 5ª ed. 1966. Na aula, ele era sublinhado, qual era o fato, qual era a data, qual era o nome e nada mais. (Cristina não resisti e fui mexer nos meus guardados. Veja as Palavras Iniciais do livro, só a guisa de curiosidade: “Este modesto compêndio é um tijolo que levamos ao edifício do progresso brasileiro”.¹) Agora, isso aí também dava a você, se não havia na época uma consciência política muito aflorada, mas também não tirava de você a rebeldia, aquela própria daquele momento. Então, eu acho assim, que... e assim, e a vida dentro do magistério também me fez aprender o meu direito enquanto um ser reivindicador. Eu, além de ser... eu digo assim, eu não passei pela educação, não passei, o dia que eu me aposentar, não sei quando será, que eu ainda não estou preparada para isso... eu, assim, eu vivi. Eu vivi e convivi, sabe, esta minha fase como profissional de educação no município do Rio de Janeiro, onde eu estou há 35 anos. Porque eu participei ativamente da construção do nosso sindicato, da organização desta categoria, nós aprendemos dentro da escola a dizer não.

Cristina – Você acha que isso o professor aprende dentro do colégio.

¹ Comentário inserido após revisão da transcrição, pela professora.

Marina – Sim. Na minha época foi. Dentro da escola, e isso nos anos 70, você não tinha espaço para reivindicar, de reivindicar no sentido assim, de organizar, entendeu? Nós não podíamos nos organizar, não é? E aí, eu acho que o SEPE teve um peso grande nessa construção e eu participei dessa época, participo até hoje, mas já participei muito ativamente. Então eu ajudei, nesse processo todo, a construir essa categoria.

Cristina – Muito bem.

Marina – Eu, por exemplo, para você ter uma idéia, eu, dirigindo o CIEP Patrice Lumumba, eu ajudei a comandar a greve de seis meses, eu fui do comando de greve dirigindo escola. Porque eu não sei porque que não se pode, sabe? Eu acho que essas coisas, as pessoas têm que perceber que você... aí é outro lado da história, quando você esta em qualquer função que você está, você não deixa de ser cidadã, você não deixa de ser um cidadão, não é? Você não deixa aquilo que você acredita de lado. Eu só participei de uma chapa de direção de escola quando nós conquistamos eleição para diretor. Antes disso eu fui convidada... eu sou a favor, e até hoje de eleição para direção de escola.. Então, assim, quando eu formei chapa para dirigir o CIEP, nós tivemos uma direção que foi bastante interessante, que nós éramos uma equipe com afinidade ideológica, que eu acho que tem que ser assim.

Cristina – Dentro da escola você conseguiu esse grupo, né...

Marina – Nós tínhamos assim, nós, enquanto direção, quando nós dirigimos o...

Cristina – Onde foi isso?

Marina – CIEP Patrice Lumumba. Então a gente, nós quatro, tínhamos uma afinidade grande, no sentido, assim, daquilo que a gente pensava de educação, o que a gente tinha vontade de fazer e passamos por uma direção exonerada, também, porque depois da greve de seis meses, foram exonerados vinte e quatro diretores, mas eles exoneraram os cabeças de chapa, que foram seis meses de greve, de 88, nós começamos a greve no dia 20 de... foram seis meses, agora me falhou a data. Quando digitar a gente coloca, foi setembro ou foi agosto. Nós, professores, dia 20 de agosto e o funcionalismo público entrou no dia 21 e a greve terminou no dia 2 de março de 89. Então, nesses seis meses de greve, nessa época Saturnino Braga era o prefeito, e ele briga com o PDT, sai do PDT, então foi aquela pressão grande, tinha a lei 1.016 e de seis em seis meses, agora salvo engano, nós teríamos 100% de reajuste, baseado no índice que recuperava o desgaste inflacionário da época, e aí o que acontece? Ele não tinha como fazer isso, nós... o magistério entrou em greve e depois o funcionalismo. Só que, como Saturnino tinha saído do PDT, houve uma pressão grande do próprio PDT sobre ele, e as pessoas do PDT estavam todas na greve. Só que o Marcelo Alencar é eleito, então Marcelo Alencar, quando entra no dia 1º de janeiro de 89, assumiu o governo, todas as pessoas do PDT que estavam no comando de greve saem, e vão para dentro das secretarias pressionar para a greve acabar. Então no dia 14 de fevereiro eles exoneraram cinco diretores, mais cinco, assim!. Depois os diretores recorreram à justiça. E eles exoneraram só os cabeças de chapa.

Cristina – Entendi.

Marina – Entendeu? Mas mesmo assim, nós também... foi uma vivência muito interessante, porque nós continuamos dirigindo a escola, nós éramos três adjuntos e a professora M., que faz um ano que ela faleceu, ela, quando ela foi exonerada, nós mantínhamos na relação de pessoal, diretora exonerada aguardando decisão judicial, que os diretores entraram na justiça.

Cristina – Entendi.

Marina – Só que, quando a gente não pôde mais segurar isso, havia uma vaga de coordenação de turno na escola e nós a indicamos como coordenadora, só que ela fazia o serviço de coordenação, mas ela era diretora, para a instituição ela era diretora.

Cristina – Ela era de fato e de direito...

Marina – A gente tinha um colegiado, a gente tinha uma idéia de colegiado, então, nós dirigimos até, quando chegou o dia 20 de janeiro de 90, terminava o nosso mandato e a secretária na época, era a Mariléia da Cruz, não fez eleição, prorrogou os mandatos e nós entendíamos que quem prorroga mandato de direção eleita é nova eleição. Então nós fomos à Secretaria, quer dizer, tentamos fazer eleição no Espaço da Escola, que até o SEPE indicava, “façam eleição”, mas ninguém quis se Marinar, então o que a gente fez? Nós três fomos à Secretaria de Educação, pedimos dispensa de função, os três juntos, e M., neste dia, tirou da gaveta o seu processo de exoneração e tomou ciência, só no dia que a gente pediu dispensa. E ficamos aguardando que chegasse alguém, do dia 21, 22 de janeiro, quando a gente fez o pedido de dispensa, até o dia 14 de março, quando aí saiu publicada a nossa dispensa. E no dia 15 o Collor entrava como presidente e nós saíamos da escola, entregando, alguém foi lá nos substituir. E aí fomos para outro CIEP, nós três juntinhos.

Cristina – Ah, que legal!

Marina – ...que a gente não queria ficar separada, fomos para o Manoel Maurício.

Cristina – É, pelo que você está me falando, você teve algumas experiências muito boas com seus colegas. Você citou, por exemplo, o seu início da entrada do magistério, naquela escola na Malé...

Marina – É verdade...

Cristina – Pelo visto você teve um apoio muito grande da direção.

Marina – (...) Ah, era uma escolinha muito fantástica. Para você ter uma idéia. Você estava falando de história de vida, quando eu me apresentei lá na Ramiz Galvão tinha um senhor, um servente, que morava na escola, seu Patrício. E quando eu cheguei o seu Patrício, diz ele, que falou com a direção assim, “Essa vai ser uma boa professora”, não sei porque ele sentiu isso. E eu cheguei, me

apresentei, e a dona Cidéia falou assim, “olha, amanhã tem reunião de supervisão”, que naquela época tinha supervisor na escola, orientador. E no outro dia de manhã teve reunião de supervisão. E aí eu chego à reunião e, imagina, eu nova, entrando na escola, e aí a dona Cidéia tinha feito aniversário e ia comemorar o aniversário dela, com que? Na hora do lanche, bolo de fubá e chocolate, duas coisas que eu não gosto, eu adoro milho, mas não consigo comer bolo de fubá. E aí, imagina você que situação, me oferecem eu pensei, “Meu Deus do céu”, me dá só um pedacinho... e aí eu comi um pedacinho de bolo de fubá e tomei o chocolate, né, chocolatequentinho. Bom, mas eu não gosto de leite. Aí passado o tempo, pegando intimidade, eu falei com ela. E toda vez que ela me encontra, ela fala assim: “a professora que teve que comer bolinho de fubá e tomar chocolate...” porque é assim, é aquela história... porque tem momentos que não tem como, você fica de saia justa, você imagina, é assim, mas...

Cristina – Mas foi um início prazeroso, pelo que você me conta...

Marina – O início foi prazeroso, eu acho que foi prazeroso até hoje, entendeu? Eu não preciso, assim, de ter unanimidade, que não existe. Imagina você, eu sou uma pessoa extremamente questionadora, tenho consciência política, então não aceito as coisas com facilidade, nem tenho que aceitar. Então, é lógico, você tem... não significa que no espaço de trabalho todos sejam aplauso geral né. Porque em geral, eu sou muito servidora pública, eu não me vejo como funcionária pública, então tem coisas que eu questiono. Por exemplo, eu sempre questionei os três dias, quando havia, entendeu? Que eu achava um absurdo. E aí, lógico, isso aí não é comum, que o colega vai dizer, “mas por quê?” É um absurdo, por que é que o trabalhador não tinha três dias, por que o professor tinha que ter? Isso significava uma coisa complicada, né. Porque isso, primeiramente, foi feito para as mulheres, para a menstruação, depois todos os homens menstruavam e as mulheres menstruavam, toda a sexta feira era menstruação, entendeu? Nesta sexta e na próxima sexta e na outra sexta, então não foi...

Cristina – Não tinha aulas em três sextas por mês, entendi...

Marina – E assim, a gente acabou com isso no município.

Cristina – E como é que você percebe a função do professor? Na sua opinião? Como é que você vê a sua função?

Marina – Eu acho que é uma das funções mais, assim, fundamentais na vida e que dá um prazer imenso para quem gosta. Eu me sinto assim: eu sou professora porque eu gosto de ser, acho que a minha profissão tem uma função primordial, que é contribuir na construção de cidadãos, e o meu trabalho é voltado para isso, e cidadãos com autonomia. Eu faço um trabalho que faz com que o meu aluno se construa enquanto um ser autônomo. Então eu acho uma coisa fundamental contribuir. Contribuir, porque a gente não transforma, mas contribuir no processo de transformação da sociedade, eu acho que é muito interessante. Você interferir no processo de construção de uma pessoa, porque a gente interfere, você pode interferir de uma forma boa ou não. Mas você fazendo um trabalho com que você proporcione que esta pessoa tenha a capacidade de concluir, de questionar, de

polemizar, de não aceitar o que está posto, de ter opinião própria, sabe? Então, eu acho que isso é fantástico.

Cristina – Hoje, como é que você percebe essa sua relação com os alunos?

Marina – Olha, eu tenho uma relação muito legal, sabe? Meus alunos, assim, eles, sabe, eu sou... eu digo a eles: se você disser assim, a Marina é chata, é o maior elogio que você me faz, agora, se você disser que a Marina não quer nada, a Marina falta, aí você me ofende. Agora, se você disser assim, a Marina é chata... porque na hora que o bicho pega é com a Marina que você se vê, tem algum problema eles me procuram.

Cristina – ...que legal...

Marina – Sabe? E assim, eles sabem, que assim, eu sou da torcida, por exemplo, todo o meu trabalho, ele é feito em sala de aula, então eu *fico no pé*, porque eu acho que essa é a minha função, eu preciso... alguém tem que ter, sabe, mostrar para eles o que é importante, que o trabalho que ele faz não é pra mim, é pra ele, então... então não sabe, porque não vem com “ah, tá bom”. Sabe aquela coisa? Você fez assim... “ah, tá bom”, Ah tá bom, não, ah tá bom, não senhor, pode voltar e fazer de novo, porque não é pra mim é pra ele! Então, assim, tem oito anos que aqui na escola, só no ano passado que eu não fiz, porque o ano passado foi um ano caótico no município do Rio de Janeiro na educação. Mas em 2000, eu tenho uma colega, L.M., a minha colega de Geografia aqui da escola, uma das colegas, né. É assim, a sala de História era do lado de lá, - quando aqui cheguei, em 94, propus às colegas que fizéssemos uma sala ambiente de História e Geografia e ela aqui está até hoje -, então, o material que eu produzia para os alunos, a gente botava nos murais, e eu fazia um trabalho e ela fazia outro e aí um dia ela falou, ah vamos fazer uma exposição. E a primeira nós fizemos aqui na escola, em 2000, porque a direção da escola não se importava muito com isso, era direção indicada e aí a gente teve que ficar pressionando, vamos fazer, vamos fazer, acabamos fazendo num dia só. E quando foi no outro ano a gente já estava nesta sala aqui. Fizemos aqui, mas também, não tive a resposta que esperava.

(pausa para atender celular)

Marina – Mas aí, nós fizemos aqui, mas não teve a resposta que a gente esperava da instituição. Aí eu falei, L.M., aqui não será mais. Que, assim, os meus alunos têm o direito de ver e de serem vistos. Então a gente recebeu um convite da Professora Rosilene Alvim, antropóloga, que conversou com o Professor Franklin Trein, diretor do IFCS da UFRJ, e nós fomos para lá, e nós fomos recebidos de braços abertos. O Professor Franklin nos deu todo apoio, incentivo, participava, ficava na torcida. Um grande amigo! Até o ano retrasado, em 2006, nós tivemos no IFCS uma semana, na 2ª arrumávamos a exposição que acontecia, 3ª, 4ª, e 5ª, às vezes até sexta, trouxe pra você os *folders*. E aí, o que acontece, a gente faz uma amostra, que a gente chama de amostra, porque a gente quer mesmo fazer esse negócio de amostrar, uma amostragem do que a gente produz durante o ano, e a gente tem um carinho tão grande e eles têm um carinho tão grande com a gente, porque não tem nenhum vínculo institucional e nos recebem de braços abertos, mudou, a dois anos mudou a direção, agora é a professora Jessie Jane,

que continua nos recebendo, então a gente passa lá a semana, praticamente, no final do ano, em novembro, o ônibus da universidade vem nos pegar, pegar os alunos, há três anos seguidos eles fazem o nosso material, o nosso folder, o nosso cartaz, fazem o convite, entendeu? E os garotos, a meninada, eles adoram, porque, assim, sair daqui, eles vão com todo gás, porque a gente faz aquele serviço de... “não, você é importante, você... as pessoas... você...” então, assim, eles sentam na universidade e debatem, mesas de debate, entendeu? Um é mediador... a gente faz um evento, faz um evento, não é só a mostra de trabalho, a gente faz três dias seguidos de evento, então a gente arruma na segunda e fica lá até sexta feira. E por que isso? E aí, não há nenhum vínculo institucional, eu não peço nada à Secretaria, nem ao órgão intermediário, a CRE, porque nós não dependemos de permissão para fazer, você está entendendo? Porque assim, se eu vou, se você... você pede, não tem, pra pedir um ônibus é uma dificuldade, então a gente pulou o muro, entendeu? Então a gente pula o muro e faz, sabe, e aí acontece! E aí, é aquela história, eu mando convite... ah, eu tenho muita história pra te contar. Olha, eu, em 2003, eu fiz um trabalho aqui com a garotada, ali é a Marina², está vendo ali? (mostrando foto na sala de aula da visita da Ministra Marina Silva) Em 2003, porque eu sempre trabalho meio-ambiente, eu e L.M., eu sou de História ela de Geografia, mas se você pegar o nosso material, você perguntará: “Ela é professora de quê”? não é? Porque eu acho que é isso, né, você tem... eu não sou professora só de História, como se a disciplina estivesse dissociada do mundo... História não está separada da vida, Geografia não está separada da vida. Então, sempre no dia do meio ambiente, essas datas que são datas que têm uma conotação de formação no sentido da participação, da cidadania, a gente não passa em branco. Em 2002 eu já trouxe para eles a figura do Chico Mendes, andava meio esquecida. No Dia Internacional da Mulher, eles tinham trabalhado mulheres que fazem e fizeram História, que em geral, quando são temas comuns, eu trabalho tema comum com todas as turmas e cada série com um tipo de trabalho. Então eles escolheram mulheres que fizeram e fazem História e uma delas foi a Marina, outra foi a Leila Diniz e outra foi... eles escolheram... Nilze da Silveira... E aí, o que acontece? Então eles já conheciam a Marina desse momento, ainda não ministra, Chico Mendes eles conheciam. Quando foi em 2003, eu tinha combinado com L.M. que ia trabalhar na questão do meio ambiente, só que, aí, eu vejo pela manhã, passa na NBR o lançamento da Conferência Nacional do Meio Ambiente e a Conferência Infanto-Juvenil. Liguei para a casa da L.M. e falei: “L.M., hoje estou mudando a programação, o que eu tinha pensado em fazer”. Porque eu não posso deixar de tocar nisso, porque foi assim, o lançamento foi uma coisa linda. Era a Marina, tinha o Leonardo Boff, tinha a filha do Chico Mendes falando da conferência, e aí, eu cheguei, trouxe aquilo gravado, eu tenho o hábito de gravar, tenho sempre uma fita no ponto. Quando cheguei aqui à escola eles viram. E aí eu falei com eles assim: “Ah, que legal, o que você acham? A gente poderia escrever para a ministra”, dentro desta coisa do exercício cidadão de entender que você, que qualquer um de nós, pode escrever para um ministro.

Cristina – Claro...

Marina – ...vamos fazer uma carta, e o tema era “Vamos cuidar do Brasil”, continua sendo até hoje o tema da conferência, agora vai ter a terceira. E aí, eu

² Foi Ministra do Meio-Ambiente

disse assim: “Vamos escrever para a ministra, dizendo que nós também queremos cuidar do Brasil. Quem quiser escrever a carta, vai escrever agora, eu faço uma correção e a gente manda”. Eu sei que naquele dia vinte e oito escreveram, porque todas as turmas assistiram. Eu peguei as cartas, todas à mão, fiz uma carta, explicando o que era, e mandamos para a ministra. E as cartas são lindas, sabe, porque assim, tinha uma menina que dizia assim “olha, conta isso pro Lula”, porque era início de governo. Bom, aí nós mandamos e foi para o Ministério do Meio-Ambiente. E aí a gente começou a receber e-mail, porque a Marina pegou as cartas e distribuiu, o que chegou...

Cristina – Para o pessoal dela, os assessores...

Marina – Dentro do Ministério. E aí, o que acontece? Cada coisa que chegava, para eles era uma... Eu trabalho com formação e educação de jovens e adultos, professor de formação de formadores de EJA. Às vezes eu trabalho com equipe da Prof. Jane Paiva, na UERJ, o pessoal, às vezes, da UFF, na PUC, o pessoal do Prof. Carmelo, do NEAD. Bom, e aí o que acontece? Eu estava fazendo formação com o pessoal da UERJ em Nilópolis. E aí a gente estava chegando a Nilópolis, num carro que nos levava, assim, saímos da UERJ e fomos e quando estamos chegando na porta da escola, meu celular toca, eu atendo e era lá do Ministério, era a secretária que disse: “Aqui é do Ministério do Meio Ambiente, do gabinete da ministra Marina Silva, a ministra vai ao Rio de Janeiro no dia 25 de agosto e ela vai à sua escola conhecer os seus alunos e a senhora.” Aí ela falou assim, “Olha, o trabalho é seu e eu vou pedir para você dar conta disso”. E, Cristina, eu fiquei parada... e agora? Aí, eu cheguei em casa, à noite... cheguei em casa quase meia noite, vindo de Nilópolis, falei com meu marido e meu marido falou, “sinto muito, a autoridade agora é você, você vai ter que falar com a Secretária. Aí eu saí da minha casa com as cartinhas, com o material todo, as cartas que foram mandadas e fui à SME, nem passei na escola. Porque as pessoas têm uma visão de hierarquia que eu não tenho, porque eu acho que isso atrapalha. Eu tinha que falar com quem? Se a ministra vem para o Rio de Janeiro, eu tenho que falar com quem? Com a Secretária, não é? Peguei as coisas todas e antes de vir para a escola passei na SME. Aí cheguei no terceiro andar, onde tem o gabinete da Secretária, cheguei na recepcionista e falei, “Olha, eu sou professora, da E. M. M. L., eu precisava falar com a Secretária.” “Ah, tem que ter agendamento”. Eu falei: “Minha filha, eu sei que tem que ter agendamento, mas é uma coisa urgente”. “O que é?”. Eu falei: “A Ministra do Meio-Ambiente vem ao Rio de Janeiro e vai à minha escola conhecer meus alunos”. Eu acho que ela deve ter imaginado que eu era louca...

Cristina – Que era brincadeira...

Marina – “Ah, espera um pouquinho...” Eu sentei e estou esperando, ela foi lá dentro, demorou e aí veio. “A senhora vai ser recebida pelo assessor de integração social”. Então tá, e fui para o outro andar. Aí eu chego lá e conto a mesma história. Ele estava numa reunião, espera. Aí, daqui a pouco ele vem, aí a secretária, eu vi que alguém de lá do gabinete ligou, estou esperando, ele veio, me atendeu e falou para mim assim, “No mínimo é uma coisa inédita”. Eu falei, “Olha eu não quero nada... ela não vem ao Rio de Janeiro, pelo que entendi, conhecer uma escola, uma escola do Rio de Janeiro, ela vem à E. M. M. L. em

função deste trabalho. Eu não queria que isso virasse um ato político, uma coisa complicada”. Muito bem, “A secretária depois vai entrar em contato com a Sr^a., não sei o que lá...”. Isso aqui virou uma loucura, porque aí, lavaram tudo... a entrada aqui da escola são pedras, o original são pedras. Pintaram as pedras, porque as pedras estavam pichadas, mexeram na rede elétrica, isso aqui virou um circo. Os alunos, assim, “Marina, ela vem na nossa sala né?”. Não, aí não dá, tem que ser no auditório. Muito bem. Aí, chega o belo dia, eu falei, “Gente, a ministra, não precisa fazer nada para ela, porque ela tem problema de saúde, basta um chá...” Bom, final da história, isso aí deu um “*titiri tereteté*” na direção que estava aqui na época, e aí – aquilo que eu não queria, acontece –porque ela, ela veio aqui conhecer os alunos...

Cristina – ...que mandaram a carta pra ela...

Marina – ...e foi isso que ela veio fazer. E aí, no dia que ela veio, no dia 25, eu cheguei aqui por volta das onze horas, tinha muita gente aqui... Eu subi, tinha uma mesa com uma toalha, um púlpito, e eu nunca vi aquele púlpito aqui, o que é isso? “Quem falou com vocês que ela vai falar dali?”

Cristina – Imagina...

Marina – E que ela vai sentar nessa mesa? Ela vai sentar no meio dos alunos. Que aí eu tinha feito, olha a coisa como é que é. O teu trabalho tem que ter uma lógica, tem que ter uma linha de conduta, não é? Quando aconteceu isso de mandarem as cartas, a ministra veio ao Rio de Janeiro, no Jardim Botânico, e o Roberto D’Avila tem um programa na TV E, agora é TV Brasil chamado Conexão Roberto D’Ávila, e ele fez duas entrevistas com a Marina, e eu gravei as entrevistas e trouxe para os alunos verem. Ela conta a vida dela. Então, depois que eles viram tudo, eu falei com eles assim, vocês poderiam fazer uns desenhos, né. A intenção era fazer um mural. Só que, quando eles trouxeram os desenhos, era uma coisa fantástica. Então isso virou um livro, nós fizemos três livros. No dia que ela veio era para entregar a ela. Aí eu falei, “Ministra, só que agora nós vamos juntar à sua história este momento de hoje. Então nós fizemos três livros, tudo feito a mão, se você quiser eu te mostro uma outra hora. Então eles fizeram esse livro “Sonhar vale a pena” autora Marina Silva, Ilustrações: Alunos das Turmas 502, 504 e 702, organização Marina C. G. em que a Marina conta a história, eles ilustram e eu organizo. Eu transcrevi toda a fala da ministra, que ela conta a vida dela toda e eles ilustraram todinho. E aí, até aqui, até chegar aqui, quando ela veio aqui. E aí fizeram outro: “Poemas à Marina” depois que a conheceram pessoalmente, e o outro foi “A visita da Ministra”, a avaliação deles da visita dela aqui. Bom, aí o que acontece... e eu com essa história, como a gente ia entrar em agosto, folclore, porque a gente faz também uma atividade, eu e L.M., como a Marina, nas entrevistas dela, ela coloca a questão que você tem toda a mitologia da Amazônia, muito ligada à própria região, quer dizer, o seringueiro sai de madrugada, então tudo que ele ouve, ele cobre cento e cinquenta seringas, então, quando ele vai colocando os potinhos, isso de madrugada, que ele volta depois de algumas horas para colher o látex, o que ele ouve, aqueles sons, isso que faz tudo isso. Mexe com o pensamento mágico. E é a partir daí que eu ia trabalhar essa questão de folclore. Muito bem, aí eu comecei a trabalhar com eles a Saga da Amazônia, música preferida de Chico Mendes, mas eu não estava sabendo que ela vinha. Então,

quando eu recebi a notícia que ela viria no dia 25 de agosto, eles já estavam ensaiando a Saga da Amazônia. Aí eu pensei, vamos cantar pra ela, que aliás, segundo ela, foi a primeira vez que ela ouviu a Saga da Amazônia na íntegra. Das 28 cartas, de cada uma eu tirei um parágrafo, e cada um... porque ela conhecia os alunos pela leitura, mas não os conhecia pessoalmente, então cada um leu um parágrafo... e aí eu fui jogando... os 28 montaram uma outra carta. Então é isso, ela ia sentar... e fiz assim, arrumei em círculo, ela sentaria no meio e eles em círculo e as pessoas no auditório. Não tinha mesa para secretária... não era esse o objetivo entendeu? E foi dessa maneira, saiu desse jeito, eu sob pressão, porque as pessoas... aí teve uma hora, tipo assim, a diretora aqui do meu lado, eu virei para a ministra e falei, “Ministra, estão aqui me pressionando, eu posso continuar”. Ela falou, “Pode”. “Então a senhora me dá o tom”. Ela veio para ficar uma hora, ficou duas horas e meia. Quando a gente sai do auditório, arrumaram um coquetel que não tinha nada a ver com ela, você está entendendo? Então, você fica nessa estrutura, você está entendendo? E se você não tiver autoridade, as coisas não saem como você pretende. Agora...

Cristina – Pelo que você está me contando, pelo que eu estou entendendo do seu posicionamento, tiveram coisas que contribuíram tanto para manter quanto para diminuir sua motivação, mas acho que você conseguia dar o tom...

Marina – Não, porque assim, acho o seguinte, eu acho, que dentro do magistério público, motivos, você tem muitos para que você desanime, mas nada disso, que possa ser... por exemplo, no ano passado era para acabar com o prazer de qualquer um. E a gente reagi, e a gente brigou e a gente continuou...

Cristina – O ciclo...

Marina – Sim, não é o ciclo, é a forma como ele foi implantado, com promoção automática entendeu? A aprovação, que no final do ano a gente acabou tendo que aplicar com o decreto do César Maia, que saiu na véspera do conselho de classe, mas nós brigamos o ano inteiro. Se você partir da lógica dos governantes que você tem tido ultimamente, é aquela coisa de descaso, é o descaso com a educação, é o descaso com o profissional, você tá entendendo? Quer dizer, o que acontece aqui neste espaço, ele é nosso. As pessoas ficam lá encasteladas em seus espaços, eu não entendo como é que um Secretário de Educação, como é que uma chefia de uma coordenadoria não tenha um pé dentro da escola, você tá entendendo?

Cristina – ...que pelo menos não tenha passado por...

Marina – Você está entendendo? Porque, assim, quem vive aqui com a garotada, somos nós, então a gente conhece cada um, você olha no olho, você briga, você dá bronca, você faz carinho, você dá beijinho, mas é você, entendeu? É você e eles, olho no olho. Isso é uma relação... e aí, assim, eu acho que este relacionamento, mesmo que qualquer outra coisa possa querer ser um balde de água fria, para mim ele reverte o contrário, que aí te dá mais vontade de você entrar na briga. Que é um prazer, assim, eu trabalho porque eu gosto, eu trabalho porque eu acredito, eu tenho compromisso entendeu? O meu compromisso com essa meninada... e aí pode... e aí a gente também... existe a resistência...

Cristina – ...é, existe a resistência. O que diminui essa motivação são essas questões políticas, né, essa questão de descaso, questão da estrutura, enfim, não sei. Mas o que contribui pra manter você motivada, então, é esse contato com aluno, esse olho no olho...

Marina – O que contribui é o seguinte, eu acho que é estar viva, entendeu, estar viva é o que contribui. Eu não consigo, assim... eu assim, daqui um pouquinho, eu posso me aposentar. Eu ainda não consegui pensar nisso. Eu não sei como é, eu não sinto o peso... eu fico, assim, impressionada, como é que as pessoas, assim... quando eu vejo um colega fazendo conta o quanto falta para se aposentar, contando e aquilo, assim, amargurado, que não chega aquela hora. Aquilo me incomoda, porque, assim, eu acho que aposentadoria... eu não sei quando eu vou me aposentar, uma matrícula eu já me aposentei, até porque havia necessidade, as coisas vão mudando, também você tem que ter um tempo maior para outras coisas, mas eu não consigo ainda me ver fora da escola, sabe por quê? A escola passa por meus poros, essa relação passa pelos meus poros, é uma coisa impressionante e eu não consigo ver isso. Então, assim, eu estou viva, eu tenho um prazer imenso no que eu faço e isso me instiga, sabe, aquela coisa de você estar, assim, vivenciando cada dia um dia diferente do outro, sabe? Por mais, a falta de estrutura que a gente tenha, a gente sabe que a escola hoje, o processo de dilapidar a rede pública é uma coisa terrível, você não tem estrutura, é você e os alunos. Você não tem quem te dê um suporte no corredor, que você não tem inspetor de aluno mais, você não tem um coordenador de turno. Uma escola tem que ter um coordenador de turno, que é quem coordena para uma escola andar, não é? Então, todas estas e outras dificuldades que a gente tem somos nós que damos conta. Então não adianta vir com um pacote de cima que ele chega embaixo e não funciona. O meu problema não é o ciclo, o meu problema é como ele foi implantado, esse que é o problema, esse que é o problema, implantar de cima pra baixo, sem perceber o que se precisa pra tudo isso, há um bom tempo que a gente está com um problema sério com a garotada, a meninada está saindo da escola com problemas sérios de leitura e de escrita, todo mundo sabe disso, não é? Quer dizer, o discurso de que o ciclo inclui, inclui como? Vai excluir quando? Então, são muitas questões. Agora, se a gente for... o ano passado, o que a gente viveu de desrespeito e a gente conseguir reverter isso com a meninada. Que você dizer para um adolescente, para uma criança, que ele tem que ser responsável por ele e perceber que tudo isso que está sendo feito, que é contra ele, que não é a favor dele, se ele não der a volta nisso o prejudicado é ele, sabe, é você responsabilizar demais uma criança e um adolescente, você está entendendo?

Cristina – É verdade.

Marina – Quer dizer, ele tem que estudar porque ele tem que perceber que aquilo é importante, não é assim, não é? A cobrança que ele vai ter na vida não é dessa maneira e a gente teve isso muito sério, então, assim, isso pra mim, são esses desafios, não me derrubam...

Cristina – Pelo que eu estou notando, há fatores decisivos que apareceram na sua vida que mantiveram você na profissão docente.

Marina – Como assim?

Cristina – Tem, coisas que te marcaram muito. A visita da ministra, não como a visita da ministra em si, mas de ver o trabalho das crianças sendo reconhecido, o seu convênio com o IFCS.

Marina – Não é nem um convênio, é um acordo de cavalheiros, é uma acolhida...

Cristina – Quando você percebe que não tem um espaço, você, me parece ser uma pessoa assim, o desafio não te abate.

Marina – Não...

Cristina – Você encontra uma estratégia para dar a volta por cima...

Marina – Ah sim, é verdade...

Cristina – E esta estratégia acaba se revelando uma alimentadora...

Marina – Eu acho que eu tenho um poder de articulação bom, sabe, eu percebo isso assim, eu tenho essa facilidade de perceber algumas coisas, de articular, me encantam muito os desafios no processo educativo. Eu sempre fui uma profissional, que eu nunca fui uma profissional fechada dentro do meu espaço, eu participei de mudanças na educação. Por exemplo: a implantação de Conselho Escola Comunidade, eu participei de toda a discussão, eu ia para a Secretaria de Educação como professora regente, participar do processo de discussão...

Cristina – Você acha que isso é uma coisa que facilita para o professor não ficar amargurado e expandir, sair de dentro da escola e...

Marina – Eu acho que isso facilita na vida de qualquer cidadão, qualquer pessoa. Agora, isso é uma coisa que você aprende, quer dizer, eu acho que o exercício de ser cidadão você aprende em qualquer situação, seja como professor ou qualquer outro cidadão. (...) participação e organização são fundamentais na vida de qualquer um. Então eu acho que isso para mim é uma coisa... Dá uma paradinha, Cristina?

(pausa para outro grupo de alunos perguntar sobre a possibilidade ou de adiantar o tempo ou liberar a turma. Marina diz que não pode liberar a turma porque tem dois tempos com eles, vai perder muita aula.)

Marina – Onde é que eu tava, hein?

Cristina – A gente estava falando desses fatores que contribuíram para você se manter atuando como professora, as coisas que te mantiveram motivadas...

Marina – Eu acho que é isso, eu acho que o fato de eu ser professora, que eu quis ser professora, entendeu? Aí eu acho que tudo veio junto. Quer dizer, nada, nessa minha vida de 35 anos no município, me faz recuar. Às vezes eu encontro colega, eu moro em Vila Isabel e Vila Isabel é uma festa, uma província...

Cristina – Uma vila...

Marina – É uma província. Eu moro na 28 de Setembro, então eu desço, encontro um: “Ah, você não se aposentou?” Eu digo: “Não, uai, como eu vou me aposentar? Eu nunca pensei nisso”. Entendeu? Porque assim, é aquela coisa assim dessa amargura, que eu acho que o próprio sistema produz isso. Que na medida que você não tem amparo. Que você não tem condições... agora, aí pra mim me dá mais vontade ainda de... não sei...

Cristina – Essa vontade, você acha que vem desse seu compromisso da construção desse cidadão?

Marina – Eu acho que sim, também ...

Cristina – Que isso fica muito forte na sua fala...

Marina – Não é uma coisa espiritualizada, não, eu acho que é isso, é...

Cristina – Porque quando você fala da...

Marina – Se eu percebo... eu acho que eu tenho muito ainda pra contribuir.

Cristina – Perfeito...

Marina – Eu acho que estou na minha maturidade.

Cristina – Maturidade profissional...

Marina – ...e eu acho que você vai amadurecendo cada vez mais. Eu não sinto aquela coisa assim, o peso, em que puxa vida, você está dando aula desde 72... mas eu não sinto isso! Você está entendendo? Eu começo, cada trabalho que eu faço, ele assim... pra mim é como se eu estivesse dando... eu começo cada ano letivo como eu comecei em 72, só que com mais...

Cristina – Experiência...

Marina – Eu tenho o acúmulo de vivência, de experiências, entendeu?

Cristina – Isso e bom...

Marina – Então, esse acúmulo faz com que eu me sinta mais à vontade, você tá entendendo? E não tenho vontade ainda de... esse ano, a gente começou o ano aqui... a história de Luther King., trabalhei feito doida aqui na escola nesse período. Já começamos o ano fazendo exposição na biblioteca estadual. O consulado americano fez lá uma exposição sobre ele, quando a gente foi convidado para ir à abertura e ficaram sabendo que a gente desenvolvia o trabalho sobre ele e nos convidaram. Aí eu tive que montar o material pra lá. Então essa coisa de... e eu assim, eu assumo aquilo com tanta responsabilidade, sabe? Assim, é a dedicação...

Cristina – É, eu achei curioso, que quando eu telefonei pra você... “Cristina”, “Da onde?” “Da PUC”. “Ah, então a pauta é educação, já sei”. (foi o marido que atendeu)

Marina – Mas você não conhece a Cristina, nem eu conheço pessoalmente.(o marido responde). Ah, mas a pauta é educação.

Cristina – É, eu falei “Eu estou vendo que o senhor conhece bem a sua esposa”...

Marina – Ele participa também. Aí a garotada, quando tem exposição, ele carrega tudo, a garotada já pergunta sobre ele. “Ele está trabalhando, depois ele volta”. A gente tem um bom relacionamento, meu marido é professor por formação, mas ele não dá aula, nós estudamos juntos.

Cristina – Vocês têm filhos?

Marina – Não, não, não tenho, porque eu estou no segundo casamento... nós estudamos juntos.

Cristina – Que beleza... Agora, assim, falando dessa sua trajetória, desse ser professor, da Marina de 72 até agora, pelo que me parece você manteve essa ótima relação com os alunos, fica mais à vontade, essa experiência acumulada, esse domínio, né? Com os seus colegas, tem diferença nessa relação do começo até hoje?

Marina – Em que sentido?

Cristina – Você também fica mais à vontade, a relação com eles mudou, como é esse trabalhar com um colega de outras disciplinas, da mesma disciplina...

Marina – Eu acho assim... eu acho que o dia-a-dia da escola, da instituição escola, é muito complicado. Não é uma coisa fácil. Porque você vai ter sempre um grupo que está a fim de fazer e outro que não está a fim de fazer. Numa instituição pública em que você não tem um patrão presente de uma forma mais, como eu diria assim, não é bem repressora o termo que eu quero utilizar não...

Cristina – De cobrança?

Marina – Tipo uma cobrança? Essa coisa fica muito solta.

Cristina – Você está falando da história dos três dias...

Marina – Entendeu? É uma coisa que não é muito fácil. Então, como é que lido no espaço instituição escola? Eu toco o meu barco, eu faço o meu trabalho. Aqueles que querem estar juntos, a gente está junto, os que não querem estar junto, a gente vai levando. Eu estou sempre disposta a fazer, eu estou sempre disposta a contribuir, aqui na escola eu faço uma cobrança, desde que eu estou aqui, da participação dos pais, porque não é só aqui, eu que participei de toda a construção conselho escola comunidade, que não existe, os CECs hoje não funcionam, os CECs hoje são simplesmente, na minha avaliação, um carimbo de CGC, que para

que a escola possa receber verba, você tem que ter CEC funcionando e CEC, como um grêmio, é uma coisa que você constrói. Eu quando fui do CEC aqui desta escola, até jornal a gente teve, boletim. É uma construção de participação efetiva, e participação efetiva, ela dá trabalho. Então, jamais eu vou assumir uma representação no lugar de uma representatividade, se o trabalho que eu estou desenvolvendo, dentro do organismo, se não for representativo, não tem porque existir e a representatividade é um ir e vir. Você não pode perder oportunidades, se você tem um espaço-escola, o CEC é um organismo de organização da escola. Se ele não funciona como ele deveria funcionar, não precisa nem existir! Um grêmio dentro de uma escola, se não for um órgão efetivo, não tem porque existir. Isso, você constrói, é um trabalho de aprendizado, muitas das vezes é um trabalho didático, correto? Desde que eu entrei na E. M. M. L., que eu faço um empenho grande pela participação, mas é difícil. Porque para que você invista na participação, primeiro você tem que estar disposto, eu não posso me sentir funcionária pública, eu tenho que ser um servidor, eu não posso estar preocupada em bater o meu horário que está na minha hora, porque tem coisa não depende da sua hora...

Cristina – ...vai ultrapassar...

Marina – ...toda a participação, toda organização, você tem que ter uma disponibilidade para estar, e aí é complicado. Então, você não é unanimidade, mas os meus maiores amigos eu construí na educação. O meu relacionamento de amizade mais importante foi construído na educação, e construído neste processo de luta. O processo de luta dentro do espaço da educação, eu acho que ele me construiu, inclusive, como pessoa. Porque ele me deu margem para desenvolver todo o meu potencial político, a colocar em prática aquilo que eu acredito...

Cristina – É... Entendi. Você já falou, aqui pra mim, como é que você progrediu em relação a esse saber fazer. Acho que você reflete bastante...

Marina – ...que quanto mais você... é um investimento. Por exemplo, o meu trabalho, sempre foi um trabalho criativo, eu não sei fazer um trabalho que não seja criativo, por isso me instiga tanto. Por exemplo, quando a gente está pensando uma coisa, eu já estou, sabe, elaborando, como é que eu acho que deveria ser, como é que eu vou investir dessa maneira, como é que eu vou... e aí a gente vai, você vai crescendo, porque tudo aquilo que é criativo, você não tem limite. E isso vai te empolgando. Se você pegar essas amostras, que nós temos, eu e L.M., vou dar para você, eu e L.M., nós temos muito material guardado. Quando a gente senta e começa... que a gente até

Cristina – ...já escreveram, Marina, já publicaram?

Marina – Não, a gente até ia ter uma página na Internet, a gente tinha recebido essa proposta do IFCS, mas acabou que a gente não conseguiu dar conta. Quando a gente senta e começa a folhear aquele material, vai te dando, assim, uma emoção... e a garotada, eles procuram muito a gente, os ex-alunos nos procuram, de vez em quando eles estão aqui, e vêm reclamar da diferença de tratamento, de convívio, de relacionamento na escola de 2º grau: “professora...” e eu digo “Ué, você não reclamava aqui?...” lá o(a) professor(a) “não conversa com a gente,

Marina, chega lá nem conversa...” Porque esse vínculo, essa liberdade, acho que é o que move, então, eu acho que tenho prazer no que eu faço...

Cristina – É, a gente percebe isso...

Marina – Então, não sei. Eu não sei se é um defeito...

Cristina – Não, é uma qualidade...

Marina – Eu não sei, sabia? Às vezes eu fico pensando que não é possível, tem dias que você... a sua energia fica toda aqui, você sai daqui vazio, sabe? Mas quando você chega em casa, toma um banho, bebe uma aguinha gelada, no outro dia você fica pronto para começar tudo outra vez. Até quando eu não sei, Cristina, mas por enquanto tem sido desta maneira..

Cristina – E essa parte da... falando assim, dessa parte mais, do chão da sala de aula, você é uma professora de História bem característica, parece que faz um trabalho bastante interdisciplinar, está expandindo as fronteiras da disciplina. Já era assim no início? Como é que você foi construindo esse domínio pedagógico...

Marina – Olha, eu acho que uma avaliação que eu tenho minha é que, desde a escola Normal eu já tentava fazer uma coisa diferente, eu tenho essa clareza comigo. Eu nunca me conformei com o “pão-pão, queijo-queijo”. Eu tenho coisas, engraçado, eu tenho uma bandeira de uma escola, eu fiz uma escola de samba com a garotada lá na Ramiz Galvão, a primeira escola em que trabalhei, e eu tenho uma bandeira que eles pintaram, da nossa escola de samba, que eu guardo aquilo ali comigo. Me lembro, de eu dando aula lá em Realengo, lá em Malé, indo ao CECIGUA, que era Centro de Ciências da Guanabara, que funcionava ali atrás do colégio João Alfredo, não sei mais se isso existe, e nessa época tinha um projeto... é sempre assim, eu nunca fiquei fechada, tem alguma coisa eu quero saber, me interesse, dentro do processo da educação eu sempre procurei toda novidade, eu sempre procurei estar informada e participando. Nesta época teve um projeto chamado Projeto 3, eram três cursos que a gente fazia e um foi no CECIGUA. Eu me lembro que eu saía do CECIGUA com uma lupa, para ir para Realengo com aquela lupa, então eu levei a lupa, comprei palma-de-santa-Rita para cada aluno, você imagina, quarenta alunos, para dissecar a flor, ver as partes da flor, todas as partes, e montar numa fichinha.. então, eu nunca me conformei em pegar o livro didático e... sabe? “ah procura um exercício” não. O trabalho de ensino, se não for criativo, se ele não acrescentar algo mais daquilo que está posto... e no trabalho de História eu tenho uma coisa, assim, L.M. também faz muito isso, a gente ressignifica símbolos, ressignifica artefatos do cotidiano, objetos que se transformam em instrumentos de registro, da sistematização do assunto trabalhado, de arte, por exemplo, um prato de papelão vira um prato de porcelana, com a Revolução Francesa, A gente vai criando, a gente às vezes senta, a gente tem um caderninho, nosso caderninho de sonhos, de ideias. Aí a gente senta e a gente vai pensar o que a gente vai fazer. Tem uma ideia, a gente já anota no caderninho para não esquecer.

Cristina – Ai que ótimo isso...

Marina – A gente, no nosso caderninho, vai anotando as coisas. Depois se telefona no final de semana, “L.M., eu estou com uma idéia assim, assim e assim, vamos fazer isso? Olha tenho assim, assim e assado, então vamos fazer? Vamos fazer.” E aí vai, como eu estou te falando, vamos crescendo...

Cristina – O que está me marcando muito na sua fala é que você não tem um exercício solitário, você tem um exercício solidário, se encontrar alguém pra fazer com você...

Marina – Ah sim, agora, se não tiver ninguém, não significa que eu não farei...

Cristina – ...eu notei, isso dá pra notar, mas que você gosta de...

Marina – Agora, esse exercício solidário, tem que ser de alguém que tenha esse pique, por exemplo, eu e L.M., a gente tem esse pique. Você imagina, a gente sai daqui, montar um folder, montar um catálogo. Se a gente ficar preocupado com as nossas quatro horas e meia a gente não faz isso. É uma trabalhadeira, que às vezes a pessoa que não vive não sabe o que é. Você imagina, eu, L.M.e meu marido, saindo da Faculdade de Educação, teve um ano que a gente saiu do IFCS e foi... a sub-reitoria de extensão nos convidou para ir à Praia Vermelha. Então nós fomos para a Faculdade de Educação. A Amostra foi lá. E aí, uma professora da Faculdade de Educação disse assim, “você não poderiam ficar até de noite, para fazer uma turma?”. Então a gente ficou lá até dez da noite, e a gente fica o dia inteiro. Aí, um dia, nós saímos de lá dez e meia da noite, fechando a porta da faculdade e saindo, quer dizer, um outro profissional, eu não estou culpando não, mas estou dizendo, não tem essa disponibilidade, que nesta hora a gente não vê isso, entendeu? Porque, o que a gente está fazendo, para nós, e tão prazeroso, é tão gostoso, você ver a garotada animada com o que está acontecendo, que a gente transcende essa preocupação de, “não é o meu horário”, entendeu? Você faz das tripas coração, faz loucura. Na verdade, não que a gente, com isso, impeça o outro, não, mas eu não posso, também, me limitar em função do outro, tá entendendo? Por exemplo, para montar a exposição aqui, nós saímos daqui às nove horas da noite, o dia inteiro aqui! Outro colega talvez... eu me responsabilizei por montar, vou montar. Nós ficamos aqui até nove e meia, dois dias seguidos, em casa você trabalha pra caramba, até você organizar tudo. Agora, se o outro não está nesse pique, eu não posso exigir dele, mas também eu não posso ficar esperando que ele chegue a esse pique para que a gente possa desenvolver o trabalho. Então a gente vai tocando o barco. Agora, e óbvio que trabalhar em equipe é muito mais saudável. Então, e assim, se você consegue contaminar o outro, ótimo.

Cristina – A experiência que você teve, da direção no CIEP, foi uma experiência de equipe...

Marina – Exatamente. Às vezes as pessoas falam assim: “Você não quer se candidatar?” Não, eu já fui feliz”... Entendeu, eu não posso... eu acho que dirigir escola hoje é loucura, é loucura ...é loucura...

Cristina – Teve, assim, você já está um tempo, bastante considerável em educação. Você entrou na época que tinha esses concursos para entrar no Normal,

enfim. Como é que você sente, com essa visão que você tem de função de professor, teve diferença com a clientela que entrou, mudou alguma coisa?

Marina – Mudou. Mudou porque a sociedade mudou.

Cristina – Perfeito, claro.

Marina – Agora, isso para mim não é nenhum problema, não é problema algum. Eu acho que nós, profissionais, é que devemos acompanhar as mudanças. E muitas das vezes a escola ainda se mantém dentro de uma redoma. A realidade lá de fora, de hoje, é diferente da realidade de trinta anos atrás, é lógico. Você vivia uma ditadura, mas hoje você tem outra questão, você está numa democracia, mas você tem outras ditaduras. Você tem a ditadura do tráfico, você tem a violência batendo à tua porta, você tem uma criançada que tem que sair daqui correndo, porque tá, lá a comunidade, lá, sabe, a polícia chegou no morro, outro dia, um menino, eu estava na secretaria, ele pediu para telefonar. “Mãe, posso ir? Já saíram daí?” Tá entendendo? Quer dizer, isso, é lógico que mudou, essa meninada nossa, ela está sendo formada, sendo criada, dentro dessa violência. Até trabalhar... você que trabalha em escolas próximas às comunidades, é meio complicado. Agora, isso, quer dizer, a mim particularmente, questiono muito a violência no espaço da escola, o que é isso? Essa história de que hoje a escola é muito violenta, os alunos são muito assim, sabe? Eu acho que depende muito, quer dizer, não é que não exista, depende também da relação que você estabelece. Você pode manter a autoridade, que é o que eu faço, mas eu consigo falar na mesma linguagem. Eu trabalhei durante muito tempo com menino de rua, no PEJ, quando eu estava no PEJ, eu trouxe para dentro do espaço meninada de rua do Rio de Janeiro. Então, eu nunca deixei de buscar, de viver aquelas situações com nenhum tipo de preconceito, entendendo, tentando entender, porque, como é que a escola pode acolher. Porque toda criança que entra na escola é aluno, para mim não interessa se lá na comunidade ele está envolvido, problema dele lá, aqui não, aqui ele é um aluno e é como aluno que ele vai ser tratado. Porque a escola exclui, até na matrícula exclui. Quando um aluno chega na matrícula, e alguém fala assim “ih, esse menino que vem aí, hummm... não vai dar certo... e lá na comunidade está ligado lá no movimento”. Não me interessa! Ele aqui veio se matricular como aluno e é como aluno que ele tem que ser tratado. Se ele criar algum tipo de problema, a gente vai ter que dar conta disso. Agora, eu não posso já, rotular, porque isso é uma coisa terrível, a escola tem que ter autoridade. A autoridade aqui somos nós, a autoridade aqui sou eu, a gente pode dialogar, sabe, eu dou espaço, também no conselho de classe, depois do conselho, faço um balanço para a turma eu digo o que aconteceu, como é que foi, qual foi o conceito que eu dei, porque que eu dei, pergunto se concordam com o resultado. Aliás eu só acredito em Conselho de Classe Integrado, em que toda a comunidade participa, mas aqui na escola não acontece. Bom, essa é outra conversa. Pergunto: Concordam? Não concorda, você vai ter que me convencer do contrário. Porque eu avaliei você dessa e dessa maneira, por isso, isso e isso, e aí, quem discorda do meu conceito? Se você discordar e me convencer, eu troco, você está entendendo? Agora, autoridade, eu tenho que ter, cara! Porque, senão, quem vai ter? Na sala de aula quem manda, nesse sentido, sou eu, eu não vou permitir que alguém chegue aqui para ditar normas e regras, não, aqui, esse espaço, é nosso. A autoridade aqui, enquanto eu estiver aqui, sou eu. Jamais permiti que na minha sala de aula

entrasse um guarda, um... não! “Quer falar alguma coisa? O senhor me aguarda lá embaixo!” Porque quem tem que manter, quem tem que ter autoridade? Sou eu! Nem pensar!

Cristina – Pra gente encerrar, de todos esse anos, 35, quase 36...

Marina – ...Em setembro eu faço 36, é brincadeira né?

Cristina – É uma vida linda, isso sim!

Marina – É brincadeira? Agora, sim, você vê, eu não me sinto, nesses 35 anos, que eu carrego eles, entendeu? Porque se eu tiver que sentir que eu carrego, é muito mais que 35. Porque como eu fui uma pessoa muito atuante, eu não carrego só a sala de aula, eu carrego a formação, eu carrego a participação, no sentido de construir uma categoria participando, eu participei de comissões paritárias, comissões de negociação... com os governantes, então, olha só o peso né? se eu for pesar isso eu estou roubada! Agora, eu não sinto isso, sabe?

Cristina – Você chegou a fazer extensão, especialização, mestrado...

Marina – Extensão sim. Alguns cursos. Olha, eu tenho uma coisa assim, eu tenho uma certa questão com mestrado, um dia pretendo, acho que vou fazer. Mas eu sempre imaginei, assim, como eu sou uma pessoa... não sou autodidata, mas sou uma pessoa muito interessada em tudo que diz respeito à educação e com a minha profissão, então eu sou uma pessoa que estou sempre buscando informação, leitura e essas coisas todas, eu também trabalho com formação. E aí, o mestrado pra mim...

(outra interrupção)

Marina – ...não sei do que estava falando...

Cristina – Pois é, aí... vamos lá. A gente estava vendo essa questão da formação, do mestrado, e aí você começou...

Marina – Ah, aí, assim, eu sempre botei na minha cabeça que eu iria fazer mestrado quando eu me aposentasse. Mas eu tenho um problema, uma certa crise, vamos dizer assim, com Academia, que é a seguinte: tem uma coisa com os mestrados, eu até vou fazer, mas, sabe uma coisa que me incomoda na Academia? Aquela arrogância acadêmica, entendeu? A Academia não é a única formadora. E outra coisa e a seguinte, eu não sei como, eu fico muito impressionada, quando eu vejo uma pessoa muito jovem, não pela juventude, que jovem eu acho que sou demais. Eu vejo assim, sem nenhuma experiência, pessoas saem da graduação, se jogam no mestrado e depois são doutores. Eu me pergunto, doutor de quê? Então, como eu sou uma pessoa muito envolvida com muita coisa, eu achei que eu deveria deixar para mais tarde, quando eu tivesse o acúmulo de muita coisa para aí sim, em cima desse acúmulo que eu tenho, eu trabalhar, para eu contribuir para a Academia. Parece pedante? Não é não. É só constatação! O que eu venho construindo, o que eu venho acumulando, aprendendo, trocando, perguntando, desconstruindo, o sujeito que tenho sido na Educação, deve ter alguma utilidade

para a Academia. Como eu sou da Vila, “modéstia à parte”, eu venho fazendo história. Orgulho mesmo, eu tenho, é de ser Educadora!

Cristina – Mas você tem umas produções muito legais, você podia...

Marina – Sim. As coisas foram se acumulando, se acumulando e eu não dou conta. E aí eu espero, pode ser, não estou fechada para isso não, sabe?

Cristina – Mas também um mestrado, assim, você fez duas graduações...

Marina – Isso. E quase fiz a terceira, que foi Pedagogia, que eu parei, porque quando eu trilhei pela questão da formação interna da escola, a UERJ abriu aproveitamento de estudos, e aí eu me inscrevi junto com um grupo... quando saiu fiquei um pouquinho, dois anos e meio, mas depois, não agüentei, porque eu acho que eu tinha mais experiência em algumas coisas e aí eu parei. Mas fiz Extensão, como, por exemplo, assim por questão de estar na UFF, uma questão ligada ao SEPE, “Formação Continuada – Multiplicadores em Extensão” UFF/SEPE, mas assim, não sei, qualquer hora dessa eu me animo.

Cristina – Agora, com tanto tempo de experiência, agora, quase 36 anos, o que ficou nesse tempo todo e o que você dispensou? O que você considera permanente?

Marina – Olha, está ficando, ainda não ficou, está ficando.

Cristina – É, o que está ficando...

Marina – O que continua ficando. Sabe o que eu dispensei? A mediocridade, isso eu dispensei. Eu acho que em qualquer profissão, sabe? Ela existe. Então, a mediocridade, eu dispensei, seja ela de que instância for, seja da esfera governamental, ou seja... sem nenhum assim, sem nenhuma modéstia não, mas eu acho que estou sempre aprendendo, o que me vale, o que me torna com sentimento de juventude, que acho que é o que eu tenho, eu nunca me preocupei com esta questão, até porque eu acho que a noção de juventude hoje, tem que ter outra modificação. Mas essa troca. Então a troca, no dia-a-dia, com essa meninada, essa garotada é quem me põe esse gás! Então, o que me incomoda é todo processo que tenta fazer de você um ser medíocre, e dentro do espaço da educação ele existe, ele existe...

Cristina – Obrigada...

(a professora começa a mostrar materiais produzidos por ela e pela colega)

Marina – ...fui buscar fora, eu fui buscar com quem poderia me dizer. Então eu fui buscar as ONGs e por intermédio dessa busca, nós tínhamos um projeto chamado IPE, Investigação e Pesquisa em Educação, que depois ele passa para o Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social _ IBISS e fiquei nesse trabalho durante dez anos, saí agora em 2004. Trabalhava com a Formação de Educadores Sociais.

Cristina – Nossa, mas aí, você entrou isso, em que período, no final da matrícula em PII, quando você saiu da...

Marina – Não, não, não, trabalhando aqui, trabalhando no PEJ e trabalhando lá. E é também uma coisa muito interessante, que aí eu fui buscar com quem tinha o entendimento, aquilo que acontecia com a meninada de rua, sabe, com as meninas, com as adolescente, com a menina grávida, aquilo que a educação não sabia me dar. Em 94 você discutir o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 94, as pessoas não sabiam o que era isso, em 93 você chegava dentro da escola, “ah o ECA”, “o que é o ECA, quem é ECA”. Me lembro que eu lancei... foi no PEJ, eu era P.O., nós fizemos um trabalho com o Estatuto da Criança e do Adolescente e aí nós colocamos assim na escola: “O ECA vem aí”, e tinha colegas que perguntavam: “Mas o que é o ECA”? Entendeu? Então assim, eu acho, que algumas coisas, você acaba, até por esse estar com o pé no mundo, você acaba até, fazendo uma coisa que não é para ser pioneira, acaba sendo pioneiro, entendeu? Umass discussões que você traz. No ano retrasado eu participei, do projeto A Cor da Cultura, eu sou a dinamizadora do a Cor da Cultura aqui na escola. Eu acho que vai saindo assim, vai à luta. O que não falta nesse mundo é coisa para você fazer, construir e contribuir e aprender e trocar, isso é fundamental, tem que estar sempre aprendendo. Aí você acha que eu posso me aposentar?

Cristina – Não, concordo plenamente.

Marina – Impossível, eu ainda não sei como é que vai ser isso...

Cristina – Revista da Revolução, ai que bacana...

Marina – Tem muitas dessas coisas que tem aí...

Cristina – “Você é a História”, “Somos Todos Arqueólogos”, ah, que lindo!

Marina – Olha, essa aqui foi a UFRJ que fez para nós, o convite, o catálogo e o cartaz. O cartaz eu não trouxe, eu tenho o cartaz em algum lugar para trazer pra você.

Cristina – Ai, que lindo esse...

Marina – E os alunos... O mais interessante disso aqui, é que os alunos participam de tudo. Eles estão no folder, eles estão nos debates. Por exemplo, a capa, são os alunos que fazem, eles fazem como se fosse um “concurso”. Todos desenham o tema e eles escolhem o desenho tema da Amostra.

Cristina – Nossa, que lindo...

Marina – Ah, esse aqui foi muito interessante. Isso aqui, na quinta amostra, o André Trigueiro foi convidado, o professor Franklin: “vamos convidar o André Trigueiro pra vir pra mesa”. Aí nessa, nessa... ele falou assim, “posso fazer uma...” no final do debate era a questão... quarta, cadê a quarta que foi esse “Cuidar do Mundo: exercício cidadão” foi quando da história da Marina. Aí o

André foi para a mesa de debate sobre a questão ecológica, e ele disse assim: “Eu posso fazer uma proposta a vocês ? Um tema para o ano que vem, que tal Consumismo?” Eu falei “Tá topado”. Então essa aqui... aí foi “No Mundo do Consumo, Consumir sem Con-sumir o Mundo”.

Cristina – Legal...

Marina – Essa foi na Faculdade de Educação.

Cristina – Que lindo...

Marina – Isso tudo a gente tem filmado.

Cristina – Muito interessante...

Marina – Essa aqui é a sexta. Ah, essa daqui, olha, a gente entrou no Almanaque do Aluá. Nós estamos no Almanaque do Aluá. Você conhece o Almanaque do Aluá?

Cristina – Não

Marina – Aí o pessoal do Sapé foi lá na nossa amostra e aí nos convidou para escrever uma parte do almanaque sobre as Amostras.. Posso depois te mostrar o almanaque. Vai lá no NEAD: “Me empresta o almanaque para dar uma olhadinha?”

Cristina – Tá...

Marina – Que eu não trouxe hoje. Aí aqui, olha nós aqui, a gente tá aqui no almanaque, falando das amostras. E aqui, olha só, aí, olha o convite...

Cristina – Nossa, que lindo...

Marina – E tem ainda o cartaz, alguns eu botei como “Bichos e você”.

Cristina – É, muito bacana...

Marina – Ah, tem muita coisa... Deixa eu te dizer uma coisa assim, eu só queria te dizer uma coisa, eu acho que tudo isso que acontece, acontece pra mim com muita humildade, não tenho nenhuma pretensão. As pessoas se encantam, o que me move sou eu a garotada, somos nós, eu e L.M. e a garotada. “Por que você não faz assim?” Eu não quero saber de multieducação... entendeu? Isso não me encanta, o que me encanta é o que produz pra nós e o que reflete pra eles, o resto para mim não tem a menor importância, o que importa é que eles estão aqui e a gente, sabe, o que surge aqui desse espaço e que isso reflete na vida deles. Que eu tenho certeza que no futuro, com certeza alguma coisa há de ficar.

Cristina – Com certeza, com certeza...